

## PERCEPÇÃO DE CONTROLE E INOVAÇÃO DE PAPÉIS SEXUAIS<sup>1</sup>

CARMEN L. M. BARROSO \*  
GUIOMAR N. DE MELLO \*  
MARIA M. M. CAMPOS \*  
APARECIDA J. GOUVEIA \*\*

### PAPÉIS SEXUAIS: NUMA ABORDAGEM PSICO - SOCIAL

Ainda que se analise um fenômeno social sob o ângulo dos processos psicológicos nele envolvidos, não se pode deixar de considerar os fatores histórico-sociais que determinam tanto aquele fenômeno quanto a maneira como as pessoas o concebem e valorizam. Isso sob pena de se chegar a uma compreensão muito parcial de um problema que envolve necessariamente a interação do individual com o social.

As respostas para a questão da natureza e determinações da relação indivíduo-sociedade estão longe de ser definitivas. Além disso, dada a sua magnitude e complexidade, essa questão transcende em muito os limites de um único trabalho. Sua relevância, entretanto, é desafio suficiente para que se procure contribuir, nos limites de um tema relevante e de um determinado enfoque, para a discussão sempre presente e atual de como as pessoas assimilam conceitos e valores e, ao mesmo tempo, contribuem para a sua modificação.

Da psicologia social, ciência intermediária entre a sociologia e a psicologia, tem-se esperado uma contribuição desse tipo. Circunstâncias e fatores vários contribuíram para que o desenvolvimento dessa ciência ocorresse, especialmente na tradição americana, em sentido bastante diverso do esperado. Uma discussão mais detalhada desses fatores e circunstâncias pode ser encontrada em Moscovici (1972), Armistead (1974) e outros, todos preocupados com o que se convencionou chamar de «crise» da psicologia social. A fim de se situar a natureza do presente estudo, mencionaremos alguns deles de modo bastante rápido.

Parte significativa do pensamento em psicologia social assumiu, explicitamente ou não, a posição, segundo a qual seria possível explicar o social pela análise das variáveis psicológicas individuais que estão presentes na interação entre duas ou mais pessoas ou dentro de grupos restritos. Deixando de considerar as características da sociedade — na qual a interação pessoal se processa — essa abordagem perdeu também a dimensão histórica dos fenômenos interindividuais. Contribuiu, desse modo, muito mais para uma descrição de certos fenômenos psíquicos envolvidos nas relações interpessoais do que para uma real compreensão da natureza e determinantes dessas relações.

Paralelamente a essa orientação, observou-se uma grande valorização das técnicas quantitativas de coleta e análise de dados e um grande rigor metodológico, que passaram a exigir que o estudo do comportamento se realizasse em situações altamente controladas. Para que esse controle fosse possível, no estágio de desenvolvimento em que se encontrava a psicologia e as ciências humanas em geral, foi preciso transferir para o laboratório e outros ambientes passíveis de controle, os fenômenos sociais cuja natureza se pretendia explicar e prever. Este fato, por si, só não levaria a uma perda de significado dos dados obtidos se tivesse sido acompanhado de um esforço sistemático para o desenvolvimento de teorias que garantissem a relevância dos conceitos transformados nas variáveis empiricamente observadas nos diferentes estudos desse tipo. Isso todavia não ocorreu; melhor dizendo, o desenvolvimento teórico não acompanhou o desenvolvimento de métodos e técnicas, especialmente os de caráter experimental, que se colocavam cada vez mais à disposição dos estudiosos da área. Essa defasagem levou a que as situações investigadas em ambientes altamente controlados se afastassem cada vez mais do mundo social real, e a que os conhecimentos produzidos fossem internamente válidos para o paradigma de ciência adotado, mas grandemente criticáveis pelas pessoas que esperavam da psicologia social uma contribuição

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela FAPESP

\* Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas

\*\* Professora Adjunta da Universidade de São Paulo

para a solução de problemas de fatos existentes na sociedade, ou pelo menos uma visão crítica que permitisse compreender a gênese de tais problemas. A possibilidade de generalizar as conclusões alcançadas através de tal abordagem é muito restrita podendo, quando muito, estender-se ao contexto social próximo dos investigadores que a adotaram — no caso principalmente a sociedade americana. Seu caráter explicativo e preditivo permitem uma compreensão de certos fenômenos sociais, melhor dizendo uma descrição exata e rigorosa de fenômenos que ocorrem num contexto limitado e num tempo determinado. Mas o aparato conceitual da psicologia social ainda não permite relacionar esses dados com processos gerais e numa perspectiva histórica mais ampla.

O reconhecimento da procedência dessas críticas levou-nos a procurar assumir no presente trabalho uma postura que permitisse relacionar percepção, concepção e valores a respeito de papéis sexuais ao contexto pessoal e social mais amplo dos sujeitos investigados.

O caminho todavia não é claro. Quando considerarmos o outro lado da questão, isto é, os modelos e tipos ideais produzidos pelas ciências de abordagem macroscópica, verificamos que tais modelos são extremamente gerais e não satisfazem para explicar comportamentos de pessoas concretas em situações específicas.

Reconhecer simplesmente que fatores extra-individuais têm um peso muito grande como determinantes dos pensamentos e valores não ajuda muito a entender como de fato essa determinação se concretiza em cada sujeito em particular, nem a explicar como esse sujeito concreto, com seus pensamentos e valores, faz parte da dinâmica dos fatos sociais.

Dentre os autores que têm procurado enfrentar essa questão, foram extremamente úteis, no traçado da orientação teórica do presente estudo, Berger e Luckmann (1967) e Moscovici (1972). Aos primeiros, como se verá mais adiante, se devem algumas proposições teóricas gerais a partir das quais foi possível realizar algumas previsões importantes a respeito das relações entre as variáveis que foram investigadas. De Moscovici adotaram-se algumas idéias básicas a respeito da psicologia social e do plano explicativo a ser adotado por essa ciência.

Os papéis sexuais e as relações interpessoais por eles determinadas, constituindo um fenômeno social, são acompanhados de concepções, valores e explicações encontradas na cultura que os justifica e legitima. Esses valores e concepções se organizam num sistema mais ou menos coerente que orienta a ação e o processo socializador. A incorporação desse sistema de idéias e valores não é feita por simples assimilação de cada sujeito, mas sofre uma reelaboração de acordo

com seu sexo, sua história de vida, sua posição na hierarquia social. As concepções e valores que cada sujeito concreto possui a respeito dos papéis sexuais influenciam suas expectativas e o modo como irá desempenhá-los. Entendidos assim, aquelas concepções e valores como processos psicológicos, pode-se supor que desempenhem também um papel importante na determinação e dinâmica de um fenômeno social. Esses processos individuais não são, portanto, simples mediadores entre a cultura e o comportamento individual, mas adquirem interesse específico de estudo na medida em que são entendidos ao mesmo tempo como determinados e determinantes.

Tomar o social e o individual como planos de uma mesma totalidade — tal como parecem exigir as suposições acima — implica colocar em estreita relação a perspectiva sociológica e a psicológica, bem como a passar permanentemente de uma para outra. A primeira, preocupada com o entendimento dos sistemas de idéias e valores e suas relações com a infra-estrutura social, a segunda mais próxima das reações dos indivíduos ou grupos frente a essas idéias e valores, tarefa sem dúvida ambiciosa e, repetimos, que transcende os limites de um estudo e de um tema. Constituiria, isso sim, um programa para as diversas ciências humanas, e é num programa desse tipo que situamos o presente estudo.

#### **O desempenho de papéis e a adoção de concepções inovadoras**

A divisão de papéis baseada no sexo dos indivíduos, reflexo da divisão social do trabalho, é inegavelmente um importante determinante da ação individual e do modo pelo qual esta ação é justificada socialmente. Assim, as relações interpessoais, as normas e valores que presidem a socialização das pessoas, as expectativas, imagens e percepções que cada indivíduo tem de si mesmo e dos outros são em grande parte definidas em função dos papéis sociais atribuídos pela sociedade para cada pessoa, entre os quais se destacam os sexuais.

A divisão de papéis não deveria implicar, necessariamente, em posições desiguais para cada sexo na sociedade. No entanto, tal como acontece no caso da divisão de trabalho entre as classes, a atribuição de papéis diversos para homens e mulheres tem sido, no correr da história, fator diretamente responsável pela situação de inferioridade da mulher. Ou seja, os papéis atribuídos ao sexo feminino têm tradicionalmente sido os de menor prestígio e os menos recompensados pela sociedade. Não é por outra razão que recentemente as ciências humanas têm procurado questionar essa divisão de papéis, demonstrando que, além de não poder ser considerada como simples resultado de determinismo biológicos, ela tem uma função crucial na conservação de instituições sociais tão importantes

como a família, a hierarquia ocupacional e o sistema de produção.

Os papéis sociais desempenhados por cada sexo, revelados nos comportamentos mais corriqueiros do cotidiano, adquirem assim um significado muito especial, tanto para a vida social como para a vida psicológica individual. É no modo como as pessoas agem no dia a dia e na maneira como justificam sua ação que poderemos então detectar em que medida se conformam ou não aos papéis que a sociedade lhes atribui.

Nesse sentido, parece-nos útil a colocação teórica desenvolvida por Berger e Lukmann que, através de uma análise da forma pela qual o mundo da vida cotidiana é percebido pelos indivíduos e ao mesmo tempo reafirmado por sua ação, procuram chegar a um tipo de explicação da conduta humana que construa uma «ponte teórica para os problemas da psicologia social» a partir da sociologia do conhecimento, e que é apresentada resumidamente a seguir.

«Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social». A tipificação das formas de ação estaria na origem mesma de qualquer ordem institucional. Assim, quando um indivíduo interioriza papéis o mundo institucional «torna-se subjetivamente real para ele». Em contrapartida, o próprio fato de os indivíduos desempenharem papéis torna possível a continuidade da existência das instituições sociais e sua manifestação na experiência real.

A análise dos papéis é importante porque pode revelar as conexões entre «os universos macroscópicos de significação» e «os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos».

Assim formulada a questão, parece-nos que, no caso dos papéis sexuais, um enfoque psico-social deveria investigar como a divisão de trabalho entre os sexos e a ideologia que a legitima estão refletidas nas percepções e expectativas individuais. Se considerarmos que, primeiro, a vida social não é estática e que, segundo, numa sociedade complexa existem variações entre as formas pelas quais os diferentes grupos sociais interiorizam os papéis sexuais, podemos levantar a hipótese de que, para cada indivíduo, existe uma razoável margem de liberdade que permite variações na maneira pela qual vai desempenhar seus papéis e justificar sua ação. Como lembram Berger e Luckmann, nas sociedades complexas existe uma verdadeira competição entre os diversos «sub-universos de significação», como consequência da segmentação das instituições sociais.

A coexistência de diferentes modos de interpretar a realidade deve ser especialmente visível no grupo escolhido para o presente estudo. De fato, os indivíduos que conseguiram chegar a um curso de pós-graduação, dentro do contexto de um sistema educa-

cional altamente seletivo como o brasileiro, constituem, provavelmente, um grupo atípico em relação ao restante da sociedade. Dentro daquela margem de liberdade no desempenho de papéis a que já nos referimos, eles contam, possivelmente, com mais opções do que os demais. Se considerarmos que uma certa inovação na divisão de papéis sexuais é possível de ser alcançada, mesmo sem uma mudança radical nas estruturas sociais existentes, é provável que ela ocorra, ao nível individual, justamente em um grupo atípico como esse.

Nesse contexto é que foi colocada a questão da propensão à inovação de papéis sexuais. Em primeiro lugar, desejava-se verificar em que medida indivíduos com alto nível educacional divergem, em suas percepções e opiniões a respeito dos papéis sexuais, de uma visão mais tradicional. Entendemos por visão tradicional aquela que aprova as diferenças de papéis sexuais herdadas de um sistema patriarcal, onde à mulher estão reservadas as tarefas mais ligadas à reprodução e educação das novas gerações e ao homem as atividades de sobrevivência externas à família. Esta divisão de trabalho confere ao homem uma posição de autoridade na família e legitima a posição inferior destinada ao sexo feminino. Em segundo lugar, analisar que concepção têm eles sobre as causas dessas desigualdades e que tipo de mudanças preconizam para enfrentá-las. Estes elementos, que poderiam ser considerados como indicadores de uma propensão à inovação quanto a papéis sexuais, caracterizariam assim cada sujeito como mais ou menos inovador em relação a um padrão de igualdade entre os sexos. O interesse do estudo, então, seria justamente a tentativa de relacionar essa propensão à ação inovadora com certas características de cada sujeito, de forma a sugerir uma explicação para a opção individual em termos psicológicos e sociais.

Através dos dados coletados pode-se explorar, por um lado, a relação entre certas características dos indivíduos e sua posição em relação à divisão de papéis entre os sexos. Por outro lado, é também possível analisar o inter-relacionamento existente entre os diversos elementos indicadores da propensão à inovação, e, assim, distinguindo diferentes aspectos da inovação, pode-se ir além de uma simples diferenciação entre indivíduos inovadores e não inovadores. Tem-se, portanto, uma análise que discrimina, além das diferenças de grau de inovação no domínio específico dos papéis sexuais, diferenças na posição dos sujeitos frente à relação entre mudança de papéis sexuais e transformações sociais mais amplas.

As diferenças de grau podem ser determinadas pela comparação das concepções que os sujeitos têm de uma situação considerada como ideal quanto à divisão de papéis sexuais. Os sujeitos que se aproximarem mais de uma posição que postule como ideal uma situação de igualdade entre os sexos seriam con-

siderados como possuidores de alta propensão à inovação. Inversamente, aqueles que se afastarem mais dessa posição, isto é, que considerarem como ideal uma situação de desigualdade entre os sexos com rígida divisão de papéis, seriam os de menor propensão à inovação.

No entanto, outros elementos devem ser considerados na caracterização dessa propensão à inovação para que ela possa ser mais preditiva em relação a uma ação inovadora. É de se supor que quanto maior a discrepância percebida pelos sujeitos entre situação de fato e situação ideal, maior seja o valor que atribuem a ações e, portanto, maior seja sua propensão à ação inovadora. É claro que não só a discrepância é importante, mas principalmente sua direção. Isto é, a discrepância que caracterizaria uma maior propensão à inovação seria a existente entre uma consciência bastante aguda das desigualdades existentes e uma concepção bastante igualitária da situação ideal. Um indivíduo que não tenha consciência das desigualdades existentes, mesmo que se posicione a favor de uma situação ideal igualitária, teria menor probabilidade de optar por uma ação inovadora. Da mesma maneira, um outro que tivesse essa consciência mas que não concebesse como ideal uma situação igualitária, não teria motivos para inovar. Finalmente, uma pessoa que perceba a situação existente como igualitária, tendo portanto uma consciência falsa da realidade, e deseje uma situação menos igualitária no plano ideal, obviamente não estará propensa à inovação tal como concebida aqui.

Além da direção da discrepância é preciso levar também em conta, para determinarmos a qualidade da inovação que os sujeitos visualizam, que tipo de explicação privilegiam na análise das mudanças nos papéis sexuais. Este elemento, que carrega consigo um componente claramente ideológico, é importante para determinar se a inovação é vista como mudança possível dentro da evolução do sistema social existente ou se ela só é considerada possível quando haja uma mudança radical das estruturas vigentes.

Entre os que vinculam a inovação a alterações estruturais, é necessário distinguir os que consideram tais mudanças suficientes para alterar a divisão de papéis entre os sexos e os que enfatizam que, embora necessárias para engendrar mudanças substanciais nos papéis sexuais em geral, elas não são suficientes para assegurar automaticamente, pois estas dependeriam de mudanças ao nível de atitudes e valores, sustentados, durante séculos, pois relações sociais para as quais têm servido de justificativa.

Há também uma divergência quanto a considerar ou não como importantes as mudanças parciais que ocorrem dentro do atual sistema e que se referem a certos aspectos das relações entre os sexos, dentro de determinados setores da população. E os que as con-

sideram importantes podem vê-las como principalmente contribuindo para a manutenção e aperfeiçoamento do sistema ou ao contrário como fatores que acentuam as suas contradições.

O interesse da análise das causas a que são atribuídas as desigualdades sexuais não se restringe aos pontos acima apontados, pois as diversas causas que podem ser escolhidas para explicar a atual situação podem contribuir ou não para justificá-la e, certamente, diferem entre si quanto ao tipo de expectativas que geram e, conseqüentemente, quanto à maior ou menor probabilidade de ligação com os vários tipos de ação inovadora.

Entre as muitas atribuições causais possíveis, e que serão analisadas em maior detalhe quando da apresentação dos resultados, há uma que desempenha papel muito importante como mecanismo de legitimação do atual sistema: é a atribuição de manutenção do *status quo* à decisão individual. Tipicamente afirma-se que, se as mulheres estão em posição de inferioridade, é porque cada uma delas não toma a iniciativa de mudar a própria situação. Esse tipo de atribuição traz implícita a idéia de culpabilidade da mulher e, atribuindo a culpa à própria vítima da discriminação, implica na justificação e conseqüente aceitação do atual sistema, ainda que isto signifique perpetuar sua posição subalterna. Muñoz (1972), que estudou no Chile a «ética do esforço» assim descreve os componentes essenciais dessas ideologias: «... em perfeito acordo com a noção básica de responsabilidade pessoal... cada sujeito... é concebido como agente consciente, livre e plenamente responsável por sua própria conduta, de modo que esteve dentro do seu conhecimento o curso alternativo de ação e dentro de sua vontade o havê-lo seguido».

É preciso ficar bem claro, porém, que, se esta atribuição da solução de um problema social ao exercício da vontade individual funciona no sentido de evitar ações que levem a inovações a nível de estrutura, essas ações também não serão propiciadas por atribuições que impliquem em total falta de controle pessoal por parte do sujeito em relação aos eventos específicos de sua vida cotidiana, uma vez que o sentimento de impotência gera expectativas que só podem levar à passividade e ao conformismo.

O efeito dessas atribuições paradoxais tem sido investigado por psicólogos americanos que tentaram explicar o uso da violência pelos militares negros, partindo do construto «controle interno-externo» elaborado por Rotter (1966) que se baseou em estudos anteriores de diversos psicólogos e sociólogos. Para aquele autor, «controle interno-externo» é concebido como uma variável de personalidade, ou uma expectativa generalizada a respeito do controle exercido pelos comportamentos do sujeito sobre os reforços por ele obtidos. Essa tendência geral do indivíduo

para desenvolver certo tipo de expectativa em qualquer circunstância pode ser concebida como um viés cognitivo resultante das atribuições causais que o indivíduo aprendeu a fazer, através do efeito cumulativo da multiplicidade de experiências que constituem sua história de vida. Assim, Rotter concebe esta variável como um *continuum* no qual os indivíduos se distribuem desde um grau máximo de internalidade, que corresponde à crença de que todos os reforços são controlados pelo comportamento do sujeito, até um grau máximo de externalidade, correspondente à crença de que os reforços são controlados pelos outros, pela sorte, etc.

O valor heurístico deste conceito tem motivado grande número de pesquisas, incluindo desde experimentos de aprendizagem em laboratório até estudos de participação política (Forward & Williams, 1970; Gore e Rotter, 1966; Levison, 1972; Lao, 1970; Sanger e Alker, 1972). Porém, muitas das investigações têm produzido resultados inconclusivos, que podem ser explicados por deficiências existentes tanto no nível da formulação teórica, quanto da operacionalização. No nível teórico, registra-se crescente insatisfação com a concepção unidimensional de percepção de controle, e diversas propostas de análise multidimensional já foram apresentadas.

Partindo de melhor especificação do significado de externalidade, Gurin et al. (1969) salientam que não se pode confundir a atribuição ao acaso atribuição às forças discriminadoras do sistema que operam de forma sistemática e predizível, pois esses dois tipos de atribuições podem ter implicações radicalmente diferentes ao nível da motivação individual, especialmente quando se trate de pessoas que ocupam posição desvantajosa dentro da estrutura social. Estudando vários grupos de negros nos EE.UU., aquela psicóloga e sua equipe observaram que a escala desenvolvida por Rotter para medir controle interno-externo apresenta ainda um outro problema: a análise fatorial dos itens dessa escala mostra uma distinção entre «ideologia de controle» e «controle pessoal». A primeira seria a aceitação das explicações da ética protestante tradicional segundo a qual o esforço e a capacidade são os fatores importantes para determinar o sucesso **das pessoas em geral**. O «controle pessoal» aparece como um fator estatisticamente independente e se refere à expectativa que a pessoa tem de que ela pode controlar o que acontece **em sua própria vida**.

No nível do controle pessoal, um modelo formulado por Barroso (1974) apresenta duas dimensões básicas: a) direção do controle, também denominada «internalidade resultante» por decorrer da diferença entre todas as forças regulares favoráveis e as desfavoráveis à obtenção de reforços positivos; e b) grau de controle, ou «controlabilidade» que expressa a crença num mundo regular e predizível e exprime a

confiança na expectativa generalizada gerada pela «internalidade resultante». A distinção entre essas duas dimensões fica mais clara ao se examinar o item da escala de Rotter que melhor expressa a crença no controle pessoal (o item que tem maior carga neste fator): «Tenho certeza de que conseguirei realizar meus planos». Essa afirmação expressa alta «internalidade resultante» e alta «controlabilidade». Baixa internalidade resultante corresponderia à afirmação «tenho certeza de que não conseguirei realizar meus planos», enquanto baixa controlabilidade seria expressa por «não tenho certeza se conseguirei realizar meus planos». Numa formalização maior, as expectativas são concebidas como distribuições de probabilidades subjetivas, nas quais a «controlabilidade» representaria a variância e a «internalidade resultante», a média. O indivíduo de baixa controlabilidade atribui grande importância à sorte e a fatores desconhecidos. O indivíduo de alta internalidade resultante espera que os fatores predizíveis — aos quais atribui grande importância — operem no sentido de produzir resultados que lhe são favoráveis. Por trás de sua expectativa generalizada de sucesso está a crença de que este depende principalmente de fatores relativamente predizíveis, por serem estáveis ou controláveis: capacidade, forças impessoais do sistema, esforço e cooperação de outros. Além disso, há a expectativa de que esses fatores atuem no sentido de contribuir para o alcance dos objetivos almejados. Assim, essa dimensão está estreitamente relacionada tanto com auto-conceito positivo quanto com otimismo generalizado.

Dentro desse esquema teórico, é razoável supor que apresentarão maior propensão à inovação, no que se refere a papéis sexuais, as pessoas com alta internalidade resultante, pessoas cuja auto-imagem reflita um sentimento de competência para solução de seus problemas cotidianos e para quem essa competência assuma grande importância no alcance de objetivos, dentro de certos limites, no nível da ação individual. Porém, essa potencialidade de ação inovadora só existirá nas pessoas que, concomitantemente, perceberem, numa perspectiva mais ampla, os limites de sua liberdade de ação como determinados por um sistema de relações sociais e expectativas de desempenho de papel, que operam no sentido de restringir a área de controle do indivíduo.

Neste sentido, o que levaria a uma ação inovadora de conseqüências mais amplas — no sentido de contribuir para a superação de um sistema que limita as possibilidades de transformação dos papéis sexuais — seria a combinação de atribuição ao esforço no nível pessoal e rejeição da «ética do esforço» no nível social. Esse padrão já tem sido observado pelos estudos realizados com os militantes negros americanos: os dados de Forward e William (1970), por exemplo, rejeitam a teoria da alienação e impotência e parecem

confirmar a teoria da «oportunidade bloqueada», segundo o qual os militantes são pessoas com uma firme crença no controle interno, mas também com uma crença de que forças externas seriam amplamente responsáveis por sua incapacidade de exercer esse controle em áreas importantes da vida.

Se as atitudes e comportamentos mais inovadores estão associados a atribuições internas no domínio da vida pessoal e externas quando se referem a explicações para a posição de grupos dentro da estrutura social, como se compatibilizam essas atribuições aparentemente contraditórias? Uma explicação possível foi desenvolvida por Barroso (1977) que apresentou um paradigma formal segundo o qual, quer se trate de um evento na vida pessoal ou recorrente para determinado grupo, a atribuição começa com um modelo explicativo geral que pode produzir explicações antagônicas se o indivíduo percebe a si mesmo e ao grupo em questão como ocupando posições diferentes em relação ao grupo geral que é tomado como padrão de comparação. Quer se adote esta ou outra explicação possível, é necessário verificar se, de fato, essas atribuições são independentemente uma da outra, e este é um dos aspectos que serão discutidos na apresentação dos resultados.

#### A AMOSTRA ESTUDADA

A amostra do presente estudo é constituída de 589 estudantes que, no segundo semestre de 1976, frequentavam cursos de pós-graduação em programas de mestrado de uma universidade particular da cidade de São Paulo.

Na amostra predomina o sexo feminino (63%) e sua distribuição por cursos aparece na Tabela 1.

As idades variam de 22 a 58 anos, sendo a mediana entre as mulheres igual a 30 anos e entre os homens igual a 32.

Predominam os estudantes casados, mas entre as mulheres a porcentagem de solteiras é bastante alta (39,9%) o que em parte se explicaria por sua idade mais baixa; por outro lado, isso também parece ser uma indicação de que para muitas mulheres o estudo em níveis mais altos ainda se revela incompatível com o casamento (Tabela 2)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esta tendência não é tão acentuada como a verificada entre cientistas americanos (Barroso, 1975). Isto parece se dever às diferenças na situação de americanas e brasileiras de classe média (principalmente os salários mais baixos das empregadas domésticas no Brasil) e também ao fato de que parte da geração mais jovem dessas mulheres já está encontrando formas de conciliação entre casamento e trabalho.

TABELA 1

#### DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS PELOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO \*

Curso	Sexo	
	Masculino	Feminino
Direito	91	20
Clências Sociais	32	43
História	8	19
Psicologia Social	10	24
Psicologia Clínica	6	27
Psicologia Educacional	8	41
Supervisão e Currículo	7	42
Filosofia da Educação	10	33
Teoria Literária	6	19
Linguística Aplicada	2	19
Língua Portuguesa	7	13
Audiologia	3	30
Medicina: Otorrinolaringologia	13	1
Serviço Social	8	33
Matemática	5	8
<b>TOTAL (100%)</b>	<b>(216)</b>	<b>(372)</b>

\* Os totais de algumas tabelas são inferiores ao total da amostra (589) porque as informações para alguns sujeitos são incompletas.

TABELA 2

#### PORCENTAGENS DE SUJEITOS SEGUNDO O SEXO E O ESTADO CIVIL

Estado Civil	Sexo	
	Masculino	Feminino
Solteiro	25,9	39,9
Casado	65,7	54,2
Desquitado	7,4	5,1
Viúvo	0,9	0,8
<b>TOTAL (100%)</b>	<b>(216)</b>	<b>(317)</b>

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Quando a ocupação do pai dos sujeitos é classificada segundo a escala de prestígio ocupacional de de Hutchinson (ver Gouveia, 1970), observa-se que a grande maioria vem das camadas médias da população (Tabela 3). A seletividade do sistema de ensino fica patente quando se considera que as ocupações manuais, que representam grande parte da população brasileira, correspondem a apenas 14,7% dos pais dos sujeitos incluídos na amostra (níveis 5, 6 e 7). Por outro lado, dada a eficiência dos mecanismos de seleção, pode até ser surpreendente que esta pequena minoria tenha conseguido romper barreiras tão fortes<sup>2</sup>.

TABELA 3  
PORCENTAGENS DE SUJEITOS SEGUNDO  
O SEXO E A OCUPAÇÃO DO PAI

Ocupação	Sexo	
	Masculino	Feminino
1 Altos cargos políticos e administrativos e grandes proprietários	0,9	2,2
2 Profissões liberais, médios proprietários e cargos de gerência ou direção	33,8	47,8
3 Pequenos proprietários, cargos mais baixos de supervisão ou inspeção de ocupações manuais	22,7	25,0
4 Ocupações não manuais de rotina e assemelhadas	14,4	12,1
5 Supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas	2,3	1,6
6 Ocupações manuais especializadas e assemelhadas	11,6	5,4
7 Ocupações manuais não especializadas	8,8	3,0
TOTAL (100%)	(216)	(372)

É importante observar que, entre as mulheres, somente 10% são filhas de pais cuja ocupação é (ou era) manual. Nota-se, portanto, que as mulheres da amostra têm nível sócio-econômico mais alto que o dos homens.

Na Tabela 4 verificamos que a frequência de mães com experiência de trabalho remunerado difere

<sup>2</sup> Esta porcentagem é apenas um pouco inferior à que se encontra, em 1971, entre os estudantes dos cursos superiores do Estado de São Paulo (Pastore e Perosa, 1971).

entre homens e mulheres. Entre os primeiros, quanto mais baixo o nível ocupacional do pai, menor a proporção de mães que exerceram atividade remunerada<sup>3</sup>. O mesmo não ocorre entre as mulheres. Nos níveis ocupacionais mais baixos a proporção de mães com atividade remunerada é bem maior entre as mulheres que entre os homens. Isto parece indicar que essas mulheres receberam uma influência especial de suas mães; estas provavelmente, tendo sentido diretamente os problemas da condição feminina no trabalho não qualificado, desenvolveram esforços especiais para que suas filhas prosseguissem nos estudos<sup>4</sup>.

TABELA 4  
PORCENTAGENS DE MÃES QUE EXERCERAM  
OCUPAÇÃO REMUNERADA, SEGUNDO O SEXO  
DOS SUJEITOS E O NÍVEL OCUPACIONAL  
DO PAI\*

Nível Ocupacional do Pai	Masculino	Feminino
1 (nível ocupacional 1 ou 2 e instrução universitária)	51,5 (33)	53,5 (81)
2 (nível ocupacional 1 ou 2 sem instrução universit.)	35,0 (40)	36,6 (101)
3 (nível ocupacional 3 ou 4)	29,5 (78)	46,7 (137)
4 (nível ocupacional 5, 6 ou 7)	23,4 (47)	44,4 (36)

\* O número entre parênteses representam os totais sobre os quais as porcentagens foram calculadas.

Convém notar que o tipo de trabalho da mãe é, como seria de esperar, bastante diferente daquele exercido pelo pai. Enquanto encontramos as profissões dos pais distribuídas por todas as categorias da escala utilizada, com as profissões das mães não ocorre o mesmo. As ocupações mais comuns para as mães foram: professoras primárias (81), funcionárias públicas (36), comerciárias (33), costureiras, doceiras e cabelereiras (27), professoras secundárias (13), profissões liberais (13).

<sup>3</sup> Essa relação entre origem social e participação da mulher na força de trabalho observada na geração paterna foi constatada também por Miranda (1975) nos dados do Censo de 1970.

<sup>4</sup> É necessário levar em consideração que o número de mulheres que exerceram trabalho remunerado é em geral subestimado, devido aos estereótipos em relação ao trabalho da mulher, que fazem com que este não seja reconhecido como tal, especialmente nas camadas inferiores, entre as quais predomina o trabalho no mercado informal. Isto certamente ocorre no Censo e provavelmente também ocorreu na nossa amostra, apesar de termos perguntado sobre «ocupação remunerada». Apesar disso, as afirmações acima permanecem válidas, pois a subestimação provavelmente ocorreu tanto para os homens como para as mulheres.

Não obstante as diferenças de origem, a situação econômica atual, pelo que se infere da renda do grupo familiar a que agora pertencem, é praticamente a mesma para homens e mulheres (Tabela 5)

TABELA 5  
PORCENTAGENS DE SUJEITOS SEGUNDO  
O SEXO E A RENDA FAMILIAR

Renda Familiar em Milhares de Cr\$	Sexo	
	Masculino	Feminino
Até 10	18,8	46,7
11 a 20	38,9	41,5
21 a 30	19,2	21,8
31 ou mais	13,6	11,9
Em branco	10,2	12,4
TOTAL (100%)	(216)	(372)

Estes dados revelam, por outro lado, o alto nível sócio-econômico da amostra em relação à média da população brasileira.

Contudo, a grande maioria dos estudantes (90%) faz o curso enquanto trabalha, e trabalha muito.

Nota-se que os homens trabalham mais horas que as mulheres: 80% deles trabalham mais do que 30 horas semanais. No entanto, essa diferença quase desaparece quando consideramos apenas os solteiros, pois o homem solteiro tende a trabalhar menos que o homem casado e, entre as mulheres, acontece o contrário (uma vez que o trabalho doméstico não costuma ser computado nas horas de trabalho). A Tabela 6 mostra que, quanto ao número de horas de trabalho por semana, o estado civil tem efeitos opostos para homens e mulheres.

TABELA 6  
MÉDIA DO NÚMERO DE HORAS DE TRABALHO  
SEMANAL SEGUNDO O SEXO E O ESTADO  
CIVIL DOS SUJEITOS \*

Estado Civil	Sexo	
	Masculino	Feminino
Solteiros	35,6 ( 52)	32,3 (137)
Casado	44,5 (136)	29,0 (172)
Desquitados	45,0 ( 15)	33,4 ( 17)

\* Os números entre parênteses representam os totais sobre os quais as porcentagens foram computadas.

As atividades profissionais atuais dos sujeitos foram agrupadas em 10 categorias (Tabela 7). A maioria (59%) das mulheres são professoras (34% professoras universitárias e 25% professoras secundárias) enquanto que a proporção de professores homens é igual à proporção de advogados (36%). Estas são as duas profissões mais frequentes entre os homens da amostra.

TABELA 7  
MÉDIAS DE SALÁRIO-HORA\* DOS SUJEITOS  
SEGUNDO SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL  
E O SEXO \*\*

Atividade Profissional	Sexo	
	Masculino	Feminino
Advocacia	130,15 (74)	121,90 ( 14)
Magistério secundário	73,58 (42)	50,50 (091)
Magistério universitário	80,76 (33)	54,62 (123)
Medicina	188,83 (18)	0,0 ( 1)
Administração	85,57 (14)	68,51 ( 5)
Psicologia e fonoaudiologia	65,32 (10)	67,15 ( 59)
Serviço público	89,70 ( 7)	27,08 ( 4)
Pesquisa	100,42 ( 5)	96,49 ( 17)
Serv. técnico em educação	54,17 ( 3)	55,73 ( 20)
Serviço social	106,25 ( 1)	53,24 ( 24)

\* Na data da realização da pesquisa, o salário mínimo era de Cr\$ 768,40.

\*\* O número entre parênteses representam os totais sobre os quais as porcentagens foram comportadas.

Outra diferença entre homens e mulheres encontra-se na média do salário-hora; com apenas duas exceções, notamos que os homens ganham bem mais do que as mulheres em todas as atividades profissionais.

#### O IDEAL DA IGUALDADE

No Capítulo I, consideramos como inovador o indivíduo cujas opiniões discrepam de uma visão tradicional dos papéis sexuais, aproximando-se mais de uma concepção igualitária sobre as posições que homens e mulheres deveriam ocupar na sociedade.

Esta concepção básica de igualdade foi traduzida em situações da vida cotidiana de indivíduos de classe média de nível educacional e faixa etária correspondente aos dos sujeitos que, segundo se esperava, iriam compor a amostra. Visávamos, com isto, apresentar ao sujeito situações com as quais ele pudesse se identificar, que provocassem respostas as mais semelhantes possíveis à maneira pela qual ele realmente cos-

tuma refletir e agir em sua vida diária. Essas situações, organizadas e listadas em uma taxonomia de situações, no trabalho, na família atual, na família de origem e nas relações interpessoais, servirão de base para a construção de três escalas paralelas: uma referente à concepção da ideal, outra correspondente à percepção da realidade em geral, uma para o plano ideal e outra referente a vida pessoal de cada um. Cada situação discriminada na taxonomia foi assim desdobrada em 3 itens paralelos, um para cada escala. Por exemplo, para a situação «decisões no casamento» foram criados 3 itens: «As decisões importantes no casamento costumam ser tomadas por marido e mulher em conjunto», na escala real geral; «As decisões importantes no casamento deveriam ser tomadas por marido e mulher em conjunto», na escala ideal; e «No meu casamento as decisões importantes são tomadas por marido e mulher em conjunto». Mesmo nos casos em que não foi possível obter uma correspondência tão literal quanto a do exemplo, a idéia básica permaneceu a mesma nas três escalas.

Como cada situação foi assim repetida nas três escalas (ideal, real pessoal e real geral) era necessário que as constantes da escala ideal correspondessem às da pessoal e geral, o que implicou na inexistência, na ideal, de situações pouco familiares ao dia a dia dos sujeitos em questão. No entanto, o fato de a seleção das situações que seriam desdobradas em itens da escala ter obedecido ao critério prévio de adequação a uma determinada classe social e a um determinado contexto histórico e geográfico, introduziu uma limitação no conceito básico de inovação referido anteriormente. Isto é, apesar de se ter partido de uma concepção ampla de inovação, ligada a um conceito também amplo de igualdade entre os sexos, tal concepção foi delimitada, em termos de classe e situação histórica, quando desdobrada primeiro em situações da vida cotidiana e segundo em itens de uma escala. Portanto, quando nos referimos à concepção ideal de condição feminina, a qual traz implícita em certa medida uma determinada concepção ideal de sociedade, é preciso ter em conta que os temas incluídos na escala não chegaram a sugerir uma concepção de igualdade que ultrapassasse aos limites das situações existentes no presente. A dimensão ideal, assim, limitou-se a reformular as situações que podem ocorrer no presente, em termos futuros. Os sujeitos que porventura possuíssem idéias mais avançadas do que aquelas refletidas nos itens propostos, não puderam ir além desses limites. É importante frisar este ponto porque de outro modo, na interpretação dos dados, alguns grupos poderiam parecer relativamente menos inovadores do que realmente são. Pois se julgarmos suas opiniões a partir de uma concepção mais geral ou mesmo mais utópica da vida social ideal, estaremos introduzindo na interpretação um critério mais abrangente do que o que norteou a confecção do instrumento.

Assim, os itens da escala referem-se a situações bem específicas e concretas, tais como divisão de tarefas em casa, oportunidade de ascensão no emprego, conversas em reuniões sociais, educação de filhos, participação política, e muitas outras.

Na dimensão ideal, os itens foram redigidos no futuro do pretérito, expressando uma opinião ou uma aspiração do indivíduo. Abrangendo situações da vida familiar, do trabalho e das relações interpessoais (socialização, segundo a nomenclatura que foi utilizada), o conjunto desses itens deveria espelhar a concepção que cada sujeito idealiza como sendo a mais desejável em relação aos papéis sexuais. Para cada item o sujeito deveria assinalar uma das quatro alternativas: não concordo, concordo pouco, concordo muito ou concordo muitíssimo. A maioria dos itens refere-se a situações desejáveis de igualdade, onde a posição mais inovadora seria a «concordo muitíssimo». Apenas 10 dos 36 itens estão redigidos na forma negativa, isto é, apontam como desejável uma situação de desigualdade. Nestes, a resposta inovadora seria «não concordo».

No conjunto dos itens da dimensão ideal, tanto homens como mulheres demonstraram alto grau de inovação, isto é, a maioria das respostas concordava com uma situação de igualdade entre os sexos no plano ideal. Apesar desta tendência geral à inovação, em todos os itens, uma porcentagem maior de mulheres do que de homens deu respostas inovadoras.

Os pontos em que as mulheres se revelaram relativamente menos inovadoras referem-se aos itens: — «Os meios de comunicação de massa não deveriam enfatizar tanto a imagem da mulher como esposa e mãe»; «A mulher deveria escolher uma carreira que não interferisse na educação dos filhos» e — «Homens e Mulheres deveriam participar igualmente da vida política». No caso dos homens, estes itens também não obtiveram respostas inovadoras. Mas o fato importante a ser destacado é que, dentre os 15 itens em que os homens se revelaram menos inovadores, 8 referem-se diretamente ao papel da mulher casada e 3 à educação de meninas. Isto é, parece que para eles é mais fácil aceitar a inovação nos papéis sexuais das mulheres solteiras. A mulher casada ainda é vista de modo mais tradicional: seu papel principal é o cuidado da casa e dos filhos; sua carreira é tolerada enquanto não entra em conflito com essa função básica. Tendo em vista isso, as meninas devem ter menor independência e liberdade que os meninos e ocupar-se mais das tarefas domésticas, preparando-se assim para seu futuro papel de mãe e «dona de casa».

Analisando as diferenças entre sexos, item por item, é possível distinguir alguns aspectos sobre os quais concordância é maior e outros sobre os quais parece existir uma divergência maior entre os sexos. Na Tabela 8 encontram-se todos os itens da dimensão

TABELA 5

ESCALA GERAL IDEAL — PORCENTAGENS DE RESPOSTAS INOVADORAS EM CADA ITEM (AS LETRAS T, F e S INDICAM A QUE ÍNDICE PERTENCE CADA ITEM: T = TRABALHO, F = FAMÍLIA, S = SOCIALIZAÇÃO)

ITEM	NÃO CONCORDO		CONCORDO MUITÍSSIMO	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
<b>(1) Diferença menores de 10% — grande concordância</b>				
F A mulher deveria escolher uma carreira que não interferisse na educação dos filhos	37,1	44,8		
F É natural que no ato sexual o homem tenha mais iniciativa que a mulher	55,3	65,1		
<b>(2) Diferenças entre 10 e 15% — alguma concordância</b>				
S Homens e mulheres deveriam participar igualmente da vida política			38,0	49,2
S Não deveria existir nenhum preconceito em relação a homens ou mulheres desquitados			38,0	49,2
S Os meninos deveriam receber dos pais mais incentivos do que as meninas para a realização de um curso superior	81,4	93,5		
-- Os meios de comunicação de massa não deveriam enfatizar tanto a imagem da mulher como esposa e mãe			23,1	35,5
F É desejável que a importância do casamento como fonte de realização pessoal seja maior para as mulheres do que para os homens	70,6	83,7		
S Está certo que a preocupação com boas maneiras e aparência pessoal seja maior quando se trata de menina do que quando se trata de menino	56,1	69,8		
<b>(3) Diferenças entre 15 e 20% — pequena divergência</b>				
F As mulheres deveriam dar mais importância ao sucesso profissional de seu marido do que a sua própria carreira	82,6	77,8		
T Ao começarem a trabalhar, homens e mulheres deveriam estar igualmente preocupados com sua carreira			54,0	69,8
T Homens e mulheres que realizam o mesmo trabalho deveriam receber o mesmo salário			70,9	86,7
T Homens e mulheres deveriam ter expectativas profissionais igualmente bem definidas ao ingressarem no curso superior			56,1	72,5
S O sucesso escolar das meninas deveria ser tão valorizado quanto o dos meninos			67,3	84,6
S O estado civil não deveria influir no status da mulher			33,2	51,5
S As expressões de ternura e afeto deveriam ser igualmente encorajados em homens e mulheres			55,5	74,2
F A avaliação do sucesso pessoal das mulheres não deveria estar vinculado a suas atividades domésticas			34,3	53,0
T As oportunidades de ascensão a cargos de direção deveriam ser as mesmas para homens e mulheres			63,6	82,5
-- A beleza e a atratividade sexual da mulher não deveriam ser características tão valorizadas nos meios de comunicação de massa			41,1	60,4
T A atividade profissional deveria constituir fonte de realização pessoal mais para os homens do que para as mulheres	71,2	90,8		
S O casamento não deveria ser um aspecto tão enfatizado na vida das mulheres			37,9	57,6
S Em lugares públicos a iniciativa na solução de problema deveria caber mais aos homens que às mulheres	50,7	70,5		
<b>(4) Diferença entre 20 e 25% — divergência média</b>				
T O sucesso profissional das mulheres deveria ser acolhido da mesma forma que o sucesso profissional dos homens			62,4	82,6
T As mulheres deveriam ser encaminhadas para as diversas carreiras independentemente do prestígio que antes tenham			44,1	64,7
F As decisões importantes no casamento deveriam ser tomadas por marido e mulher em conjunto			69,5	90,1
S Os pais deveriam dar liberdade a meninos e meninas			39,3	61,1
S Os pais deveriam estimular o comportamento da independência tanto nos meninos como nas meninas			44,2	66,1
F O cuidado dos filhos não deveria interferir na atividade profissional da mulher mais do que na do homem			26,4	49,2
S Na família a formação profissional deveria ser igualmente valorizada para homens e mulheres			58,9	79,9

(continua)

TABELA 8

continuação

ESCALA GERAL IDEAL — PORCENTAGENS DE RESPOSTAS INOVADORAS EM CADA ITEM (AS LETRAS T, F e S INDICAM A QUE INDICE: PERTENCE CADA ITEM: T = TRABALHO, F = FAMILIA, S = SOCIALIZAÇÃO)

ITEM	NÃO CONCORDO		CONCORDO MUITÍSSIMO	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
S Em reuniões sociais de que participam homens e mulheres, falar de negócios deveria ser tão natural para a mulher quanto para o homem.....			39,5	63,0
T A realização profissional das mulheres deveria ser considerada tão importante quanto a dos homens. ....			54,0	77,9
(5) Diferença entre 25 e 35% — grande divergência				
F O cuidado das crianças deveria ser dividido igualmente entre marido e mulher			36,8	62,4
T Em situação de trabalho, a liderança de uma mulher deveria ser aceita com a mesma naturalidade que a de um homem. ....			54,3	79,9
S Os pais deveriam solicitar ajuda nas tarefas domésticas mais das filhas do que dos filhos. ....	41,4	67,3		
F A vida profissional da mulher casada deveria ser tão importante quanto a de seu marido. ....			40,8	68,3
F Está certo que a mulher fique com a maior parte das tarefas domésticas. ....	32,2	60,2		
S Em matéria de fidelidade as regras deveriam ser as mesmas para homens e mulheres			50,3	81,7

1 Estes índices, definidos mais adiante, correspondem aos aspectos desenvolvidos na taxonomia de situações na qual se baseou a construção da escala.

ideal ordenados a partir daquele que obteve maior concordância até o que provocou maior divergência.

Como critério de ordenação, considerou-se a categoria extrema da escala, correspondente à posição inovadora para cada item; a diferença entre as porcentagens de homens e mulheres que optaram por aquela resposta foi então utilizada como critério para classificar os itens segundo a maior ou menor divergência. A separação dos resultados em duas colunas visa tornar diretamente comparáveis as porcentagens que são apresentadas. Embora as duas colunas apresentem os indivíduos que se colocaram nas categorias mais inovadoras, concordar com a desejabilidade de igualdade tem um significado psicológico diferente de negar a desejabilidade da desigualdade pois, no segundo caso, é necessário também superar a tendência à aquiescência, fenômeno comum já amplamente documentado em diversos estudos de aplicação de escalas. Convém notar, por outro lado, que no caso da afirmação da desejabilidade da igualdade, a escala permitia a escolha entre três graus de concordância: «concordo pouco», «concordo muito» ou «concordo muitíssimo», de modo que os que aparecem na Tabela 18 são apenas os que estão muito convictos a esse respeito.

Dos 6 itens nos quais a discrepância entre as respostas femininas e masculinas é maior do que 25%, 3 referem-se ao problema da divisão de tarefas no

interior da família. Destes, dois mencionam diretamente a divisão de trabalho entre marido e mulher no lar e o outro trata da participação que deve ser pedida de meninos e meninas em relação às tarefas caseiras. Dos restantes, 2 tratam também de assuntos relacionados com o casamento: um menciona a importância da carreira da mulher casada e outro, o que provocou maior divergência, refere-se ao problema da fidelidade. Finalmente há um item sobre a aceitação da liderança feminina em situação de trabalho, sobre o qual os dois sexos também discordaram bastante.

Em relação ao primeiro ponto, referente à divisão de tarefas na família, é preciso considerar que este tem sido um tema crucial da discussão sobre a situação da mulher, em todo o mundo. Não só este assunto tem sido apontado como central nas formulações teóricas sobre as origens da inferioridade social da mulher, como tem se constituído em uma das mais controvertidas bandeiras dos vários movimentos feministas em diferentes países. Além disso, reside justamente neste ponto a maior crítica que tem sido feita pelas feministas aos países socialistas, onde esta questão ainda não foi completamente solucionada. Não é de espantar, portanto, que este tenha sido um dos aspectos que provocaram grandes divergências entre os sujeitos de nossa amostra.

Examinando com mais cuidado as distribuições nessas respostas, vemos que optaram por posições conservadoras<sup>5</sup> em relação aos itens «Está certo que a mulher fique com a maior parte das tarefas domésticas» e «O cuidado das crianças não deveria ser dividido igualmente entre marido e mulher», consideravelmente maior número de homens que mulheres (Tabela 9). A proporção de homens com posições conservadoras nestes itens discrepa assim do quadro ge-

ral da tendência à inovação encontrada na amostra e contrasta com a pequena porcentagem de mulheres com o mesmo tipo de resposta. No caso do item «Os pais deveriam solicitar ajuda nas tarefas domésticas mais dos filhos do que das filhas» a proporção de assentimentos não foi tão alta. Os dois primeiros itens revelaram-se, portanto, mais provocadores, já que tratam diretamente da questão.

TABELA 9

ESCALA GERAL IDEAL — PORCENTAGENS DE RESPOSTAS NÃO INOVADORAS NOS ITENS QUE PROVOCARAM MAIOR DIVERGÊNCIA ENTRE OS SEXOS

Itens	Não concordo + Concordo pouco		Concordo muito + Concordo muitíssimo	
	H	M	H	M
	O cuidado das crianças deveria ser dividido igualmente entre marido e mulher.	34,9	9,7	
Em situação de trabalho, a liderança de uma mulher deveria ser aceita com a mesma naturalidade que a de um homem.	17,7	3,4		
Os pais deveriam solicitar ajuda nas tarefas domésticas mais das filhas do que dos filhos.			27,4	12,0
A vida profissional da mulher casada deveria ser tão importante quanto a de seu marido.	28,9	7,2		
Está certo que a mulher fique com a maior parte das tarefas domésticas.			40,8	14,6
Em matéria de fidelidade as regras deveriam ser as mesmas para homens e mulheres.	24,9	2,8		

Os demais itens do grupo 5 da Tabela 8 também não provocaram tantas respostas conservadoras quanto esses dois, isto é, as respostas dos homens que não optaram pela categoria mais inovadora estão mais igualmente distribuídas pelas outras três categorias da escala.

O item sobre fidelidade, o que maior divergência provocou, é outro que destaca um aspecto ainda de difícil aceitação para muitos homens, ao contrário do que ocorreu na questão da iniciativa no ato sexual, a segunda afirmação que obteve maior concordância entre os sexos (Tabela 8). A iniciativa feminina é aceita, mas sempre com o mesmo homem...

Resumindo, apesar da tendência geral à inovação encontrada entre homens e mulheres, estas revelaram-se mais inovadoras do que aqueles, sendo que as diferenças foram mais acentuadas principalmente no caso dos itens que tratam do papel da mulher casada.

A divisão de tarefas dentro de casa, o conflito entre os dois papéis da mulher casada que trabalha fora e a questão da fidelidade parecem ser os pontos críticos na questão da igualdade entre os sexos, pelo menos para uma amostra de alto nível educacional como essa.

A análise dos resultados obtidos com cada item é interessante e sugestiva mas dificulta uma visão geral dos padrões de igualdade idealizados e de suas relações com outras variáveis. Por este motivo procuramos verificar se os itens poderiam se agrupar em conjuntos homogêneos. Isto é, procuramos verificar a possibilidade de construção de uma escala que, pela reunião de itens de uma determinada área, servisse de indicador do desejo de igualdade naquela área. Para tanto, utilizamos as áreas definidas aprioristicamente na taxonomia de situações para redação dos instrumentos trabalho, família (reunindo casamento e filhos) e socialização (reunindo socialização primária e secundária) e testadas empiricamente mediante a

<sup>5</sup> Considerou-se a soma das duas categorias opostas àquela correspondente à posição inovadora que consta de Tabela 8.

aplicação na amostra do pré-teste (Oliveira et al., 1976; Campos et al., 1976).

Especificamente o que se procurava saber é se dentro de cada área os itens se comportavam de maneira independente ou se apresentavam correlações entre si.

O procedimento estatístico utilizado foi o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson entre cada item e o índice constituído pela soma dos demais itens que se referiam à mesma área. Um coeficiente positivo alto indicaria, por exemplo, que alguém que rejeitasse a discriminação salarial estaria inclinado a rejeitar também todas as demais discriminações nas relações de trabalho.

Os valores encontrados confirmaram a consistência interna dos três índices (Tabela 10).

Apenas dois itens, por seu conteúdo, não puderam ser incluídos nesses índices: são os que se referem às imagens femininas reforçadas pelos meios de comunicação de massa.

TABELA 10

ESCALA GERAL IDEAL — COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO (r DE PEARSON) ENTRE ITENS E RESPECTIVOS ÍNDICES

Índice	Nº de Itens	Menor Coeficiente Obtido	Maior Coeficiente Obtido	Mediana dos Coeficientes Obtidos
Trabalho	9	0,26	0,66	0,58
Família	10	0,27	0,66	0,49
Socialização	15	0,27	0,69	0,49

Quando comparamos as médias obtidas por homens e mulheres nestes índices, encontramos diferenças significativas nos três casos (Tabela 11).

TABELA 11

MÉDIAS DOS ÍNDICES DA ESCALA GERAL IDEAL — DIFERENÇAS POR SEXO

Índices	Masculino	Feminino
Trabalho	21,32	24,42
Família	20,40	24,80
Socialização	33,15	38,95

Confirma-se assim o observado na análise sobre os resultados por itens: apesar da tendência geral à inovação, as mulheres se diferenciam significativamente dos homens nas três áreas consideradas. O fato de a mulher sofrer diretamente a discriminação pa-

rece influir na sua concepção de uma situação ideal, ou seja, parece aumentar o desejo de mudança em relação ao que é percebido na realidade.

Os três índices foram por sua vez agrupados em um índice geral de inovação na escala ideal, que chamamos de Geral Ideal ou GI, já que também se correlacionavam fortemente entre si, como demonstram os valores dos coeficientes obtidos (Tabela 12).

TABELA 12  
COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO (r DE PEARSON) ENTRE OS ÍNDICES DA ESCALA IDEAL

Índices	Família	Socialização
Trabalho	0,68	0,82
Família	—	0,83

Neste índice, embora a variável sexo seja a de maior influência, outras variáveis também tiveram peso significativo.

Assim, os filhos e filhas de mães que exerceram alguma atividade remunerada revelaram posições significativamente ( $F = 18,22$ ) mais inovadoras<sup>7</sup> do que os filhos e filhas das mães que nunca tiveram ocupação remunerada, mantidas as diferenças por sexo (Gráfico 1).

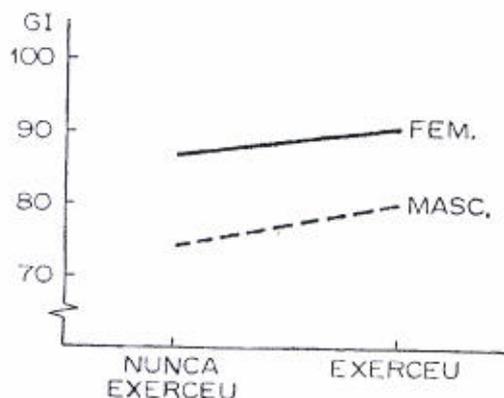
É interessante notar que, apesar de as diferenças serem na mesma direção para os dois sexos, a ocupação da mãe parece influir um pouco mais nos resultados dos homens. Nos dois casos, porém a convivência com mães que tiveram alguma experiência de trabalho remunerado parece ter aumentado a receptividade dos sujeitos a idéias inovadoras sobre o papel da mulher.

Também foram significativas ( $F = 4,31$ ) as diferenças encontradas entre filhos e filhas de pais de categorias ocupacionais diversas. Para os homens os

6 Mencionaremos aqui apenas as variáveis que revelaram ter alguma influência nos escores obtidos. Outras, sobre as quais também havíamos colhido dados, mas que não provocaram diferenças significativas nas médias de CI por sexo, não foram aqui incluídas.

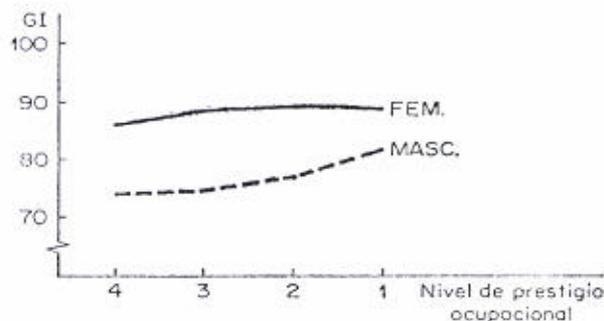
7 Em pesquisa de natureza desta que estamos relatando é muito rara a possibilidade real de obtenção de uma amostra composta rigorosamente segundo os princípios estritos de aleatoriedade. Como este problema é comum em ciência, têm os estatísticos se preocupado com o estudo dos efeitos da inobservância desses pressupostos e chegado à conclusão que certos testes são «robustos» e, se usados com a devida cautela, têm valor na análise de dados onde essas técnicas, a rigor, não se aplicariam. Dessa forma, embora reconhecendo que estatísticos ortodoxos possam objetar que a presente amostra não obedece rigorosamente aos pressupostos da teoria da probabilidade, resolvemos nos permitir usar análise de variância para testar diferenças de médias.

GRÁFICO 1  
MÉDIAS DE GI POR SEXO E OCUPAÇÃO  
REMUNERADA DA MÃE



escores têm uma relação linear positiva com o nível de prestígio, da ocupação do pai, isto é, quanto mais alto o prestígio ocupacional do pai, mais inovadora a posição dos filhos. Quanto às mulheres, o mesmo ocorre, com exceção de uma pequena inversão nos escores do nível 1 (mais alto) e 2 (Gráfico 2).

GRÁFICO 2  
MÉDIAS DE GI POR SEXO E NÍVEL  
DA OCUPAÇÃO DO PAI

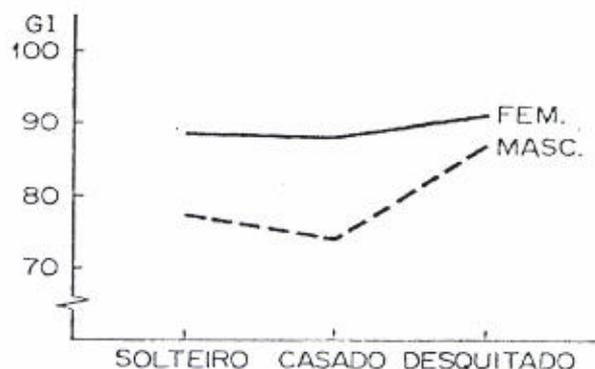


Novamente vemos a influência relativamente maior do prestígio ocupacional do pai nos resultados dos homens do que no das mulheres. Embora se trate de uma amostra na qual não há grandes diferenças de classe, o grupo masculino de origem social mais baixa parece ser um pouco mais conservador na questão das desigualdades de sexo. Como se trata de um grupo que, embora de origem mais modesta, conseguiu ascender socialmente, não se sabe em que medida conservaram os valores de seu grupo de origem ou adotaram outros no processo de ascensão.

O estado civil dos sujeitos também se mostrou relacionado com os resultados na dimensão ideal. Tanto entre as mulheres como entre os homens os resultados mais inovadores foram obtidos entre os sujeitos

desquitados. São mais inovadoras as mulheres desquitadas e menos inovadores os homens casados (Gráfico 3).

GRÁFICO 3  
MÉDIAS DE GI POR SEXO E ESTADO CIVIL



Outro dado é a magnitude das diferenças no caso dos homens, bem maior do que entre as mulheres. Parece que o estado civil pesa mais nas opiniões masculinas do que nas femininas.

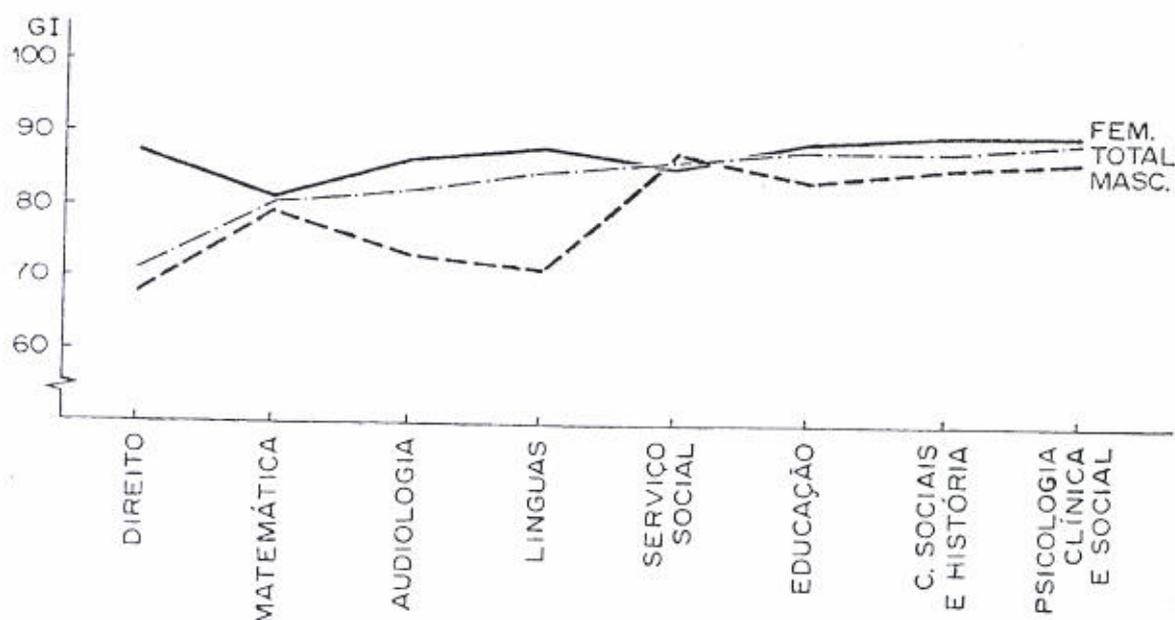
Quando desdobramos os resultados de cada estado civil pelas variáveis ocupação remunerada da mãe e nível ocupacional do pai, constatamos que em todos os casos as opiniões dos desquitados são mais inovadoras do que as dos solteiros e casados. Os casados, por sua vez, sempre têm os escores mais baixos, salvo no caso daqueles cujos pais têm o nível ocupacional mais alto e cujas mães que sempre exerceram ocupação remunerada. Embora o número de sujeitos desquitados seja pequeno, constituindo 6% da amostra, essa diferença parece refletir uma conscientização maior por parte de quem, tendo já vivido momentos de crise no relacionamento marido-mulher, optou por uma ruptura. Mas pode ser também que, justamente os sujeitos que já eram mais inconformados com os padrões de casamento vigentes tenham chegado ao desquite.

Alunos de diferentes cursos de pós-graduação também obtiveram resultados diversos (Gráfico 4).

Como acontece com as outras variáveis, a variabilidade dos resultados dos homens, segundo os cursos que frequentam, é bem maior que os das mulheres.

Enquanto a diferença entre os resultados femininos mais baixo — 81,1 — e o mais alto — 90,2 — é de 9 pontos, no caso dos homens esta diferença é de 18,9 pontos, mais do que o dobro. Por outro lado, as discrepâncias entre os resultados de homens e mulheres são pequenos em alguns casos — matemática, serviço social, educação, ciências sociais e história, psicologia clínica e social — e bem grandes para os cursos de direito, fonoaudiologia e línguas. São estas discrepâncias que são provavelmente as maiores res-

GRÁFICO 4  
DIFERENÇAS POR SEXO E CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO



ponsáveis pela diferença significativa obtida na análise de variância feita para os resultados dos conjuntos masculino e feminino ( $F=14,61$ ).

Para explorar melhor as diferenças, desdobramos os resultados de cada curso pelos graduados por várias faculdades. O único caso onde surgiu uma diferença significativa foi entre graduados de medicina e fonoaudiologia que estavam cursando pós-graduação em fonoaudiologia, o que pode ser devido ao fato de os médicos serem quase todos homens e os fonoaudiólogos, mulheres. Da mesma forma, a variável atividade profissional não mostrou qualquer influência nos resultados obtidos pelos sujeitos de cada curso de pós-graduação.

Outra variável que não revelou qualquer relação com os resultados de homens e mulheres no GI foi o caráter mais ou menos igualitário da educação no seio da família<sup>6</sup>.

No caso de outra variável do mesmo tipo, relativa ao contato com companheiros mais inovadores, o coeficiente encontrado para os homens ( $r=0,29$ ) parece indicar que o fato de alguns homens apresentarem posições bastante atípicas para seu sexo está ligado ao fato de manterem relações de amizade justamente com pessoas às quais se assemelham. Não se pode saber, porém, nesse caso, qual seria a «causa» e qual o «efeito».

<sup>6</sup> Este indicador e o seguinte foram obtidos a partir da soma de pontos nos itens da dimensão real pessoal da escala que tratava destes dois tópicos.

Neste caso também, mais uma vez a variável revela ter um maior peso no resultado dos homens do que no das mulheres. Assim parece que para elas, a variável determinante seja realmente o sexo, enquanto que outras variáveis explicariam a variação nos resultados do grupo masculino, onde uns, mais do que outros, adotam posições conservadoras quanto à divisão de papéis entre os sexos. Restaria, porém, uma questão: será que sob aspectos outros que não os examinados neste estudo, as mulheres de nossa amostra constituem um grupo mais atípico que o dos homens?

#### A CONSCIÊNCIA DAS DESIGUALDADES

A inovação está relacionada à adoção de ideais igualitários mas também depende de que se perceba a situação atual de homens e mulheres em geral como bastante discrepante em relação àqueles ideais. Assim é possível que, embora adotando valores inovadores, a pessoa não se posicione a favor de mudanças dos papéis sexuais por não perceber a existência de desigualdades no nível do real, seja por viver em ambiente onde as discriminações sexuais sejam menos gritantes, seja por distorção da percepção, qualquer que tenha sido o mecanismo que determine essa distorção.

Para verificar as percepções relativas à situação real de homens e mulheres em geral, construímos a

escala que chamamos de «Real Geral» que, como já dissemos, é paralela à escala «ideal».

Como na escala anterior, o sujeito poderia assinalar uma das quatro alternativas: não concordo, concordo pouco, concordo muito ou concordo muitíssimo. A maioria dos itens são afirmações da existência de desigualdades; nestes a posição teoricamente mais inovadora seria o «concordo muitíssimo». Há também, 12 itens que são afirmações de que homens e mulheres em geral encontram-se em situação de igualdade; nestes a resposta «não concordo» é que indicaria propensão à inovação. A Tabela 13 mostra a porcentagem de sujeitos que deram as respostas mais inovadoras.

As porcentagens de indivíduos que endossaram posições mais inovadoras não são separadas por sexo porque, na maioria dos itens não houve grandes diferenças entre os sexos. É interessante observar que os homens haviam se revelado bem mais conservadores quando se tratava da situação que consideravam ideal. Esse relativo conservadorismo não impediu que percebessem as discriminações existentes na situação de fato e nem se originou da ignorância dessas discriminações. Em apenas 5 itens os homens manifestaram uma visão mais «rôsea» que a das mulheres a respeito das relações entre homens e mulheres em geral. Eles, mais do que elas, discordaram das afirmações de que o sucesso das mulheres é avaliado mais pelas suas realizações no lar, que elas são orientadas para carreiras de menor prestígio, que há reserva quanto a sua militância política, que o cuidado dos filhos interfere em sua atividade profissional e que a mulher solteira tem status inferior.

Houve uma única exceção em que maior número de homens do que de mulheres negou a existência de igualdade: 42,5% dos homens e 24,1% das mulheres não concordam com a afirmação de que a mulher costuma assumir iniciativas em lugares públicos. Este é um dos poucos itens em que a mulher é o sujeito da ação; os outros referem-se a situações que lhe são impostas. É possível que um certo grau de racionalização para defesa do ego por parte das mulheres esteja aí envolvido.

Quais são as áreas em que se percebe maior discriminação? Os dados da Tabela 13 indicam que é dentro da organização familiar que se encontram, de um modo geral, as diferenças das quais poucos duvidam. Isto parece ser um reflexo do fato de o trabalho doméstico e a fidelidade sexual serem talvez os pontos nos quais as mudanças se processam mais lentamente.

Em alguns aspectos da socialização das crianças — estreitamente relacionados com a manutenção da estrutura familiar — as diferenças também são claramente percebidas. Se se exige maior fidelidade da

mulher, coerentemente os pais dão menor liberdade às meninas; se o trabalho doméstico é atribuído exclusivamente à mulher, coerentemente não se solicita aos meninos que ajudem nessas tarefas — percebe-se a socialização com o objetivo que ela parece realmente ter, ou seja, assegurar a eficiência na reprodução dos padrões atuais. E, evidentemente, os meios de comunicação de massa contribuem com sua parte valorizando a beleza e a atratividade sexual da mulher.

Mas nem tudo é tão simples. O trabalho remunerado da mulher introduz contradições. De um lado, já não são muito visíveis os obstáculos à profissionalização da mulher. Só para citar alguns exemplos: mais de metade dos sujeitos acreditam que as mulheres recebem o mesmo salário que os homens; são pouquíssimos os que pensam que têm menor prestígio as carreiras para as quais as mulheres são orientadas. E a socialização para o trabalho também é vista como igualitária: os pais se preocupam com o sucesso escolar das meninas e as incentivam a fazer curso superior. Só se reconhecem dificuldades quando se trata de acesso a cargos de direção e aceitação da mulher em posições de liderança. Mas o ponto que realmente não deixa margem a dúvidas é o conflito entre papéis profissionais e familiares: apenas um entre cada dez sujeitos negou que o casamento e o cuidado dos filhos costumam interferir mais na vida profissional da mulher, do que na do homem. Isto apesar de apenas metade dos sujeitos reconhecer que o cuidado das crianças não costuma ser dividido igualmente entre marido e mulher!

Através desta análise dos itens, verificamos uma constância notável: geralmente os pontos em que se percebe a existência de maiores desigualdades são justamente aqueles em que poucos sujeitos propugnam a igualdade. Parece que as pessoas em geral não ousam desejar situações muito diferentes das existentes atualmente. Ou se defendem dos conflitos que adviriam de uma discrepância muito grande entre os valores e a realidade, ajustando esses valores a níveis «realistas».

#### Os padrões percebidos

Assim como na escala do «ideal», no que se refere à percepção do real procuramos verificar a existência de padrões mais gerais, que permitissem a soma dos itens para constituição de índices. Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 14. Podemos notar que os coeficientes foram todos positivos e atingiram magnitudes bastante altas, embora não tanto quanto os itens dos índices do «Ideal», conforme vimos na Tabela 10. Essa maior heterogeneidade observada no nível do real talvez possa ser facilmente explicável, pois a realidade costuma ser sempre mais complexa que os valores sobre ela construídos ou a ela referentes.

TABELA 13

PORCENTAGENS DE RESPOSTAS MAIS INOVADORAS PARA CADA ITEM.

ITEM	CONCORDO	
	MUITÍSSIMO	NÃO CONCORDO
A atividade profissional constitui fonte de realização pessoal mais para os homens do que para as mulheres .....	11,9	
Geralmente o sucesso pessoal das mulheres é avaliado mais pelas suas realizações no lar do que por outras atividades .....	13,5	
Em geral as mulheres são orientadas para carreiras de menor prestígio .....	14,2	
A mulher solteira tem status inferior ao da casada .....	14,5	
A preocupação com boas maneiras e aparência pessoal é maior quando se trata de menina que quando se trata de menino. ....	15,0	
Os pais costumam se preocupar mais com o insucesso escolar dos filhos que das filhas. ....	15,7	
As decisões importantes no casamento costumam ser tomadas por marido e mulher em conjunto. As mulheres costumam se realizar através do sucesso profissional de seu marido .....	19,3	17,4
Em geral, ao ingressar no curso superior, os homens têm expectativas profissionais mais definidas que as mulheres. ....	19,4	
No início da vida profissional, geralmente os homens são mais preocupados em fazer carreira do que as mulheres. ....	21,6	
Os pais costumam ver a formação profissional das filhas mais como um "seguro", caso fiquem solteiras ou façam um mau casamento .....	23,1	
Geralmente os filhos são mais prejudicados pela atividade profissional da mulher do que pela do homem .....	23,2	
A importância do casamento como fonte de realização pessoal é maior para as mulheres que para os homens. ....	24,8	
Geralmente a iniciativa nas relações sexuais parte do homem. ....	27,4	
Meninos e meninas costumam receber dos pais igual incentivo para a realização de um curso superior. ....		29,3
Em lugares públicos quando um fato exige providência imediata, a mulher costuma assumir as iniciativas de que se julga capaz, haja ou não homens presentes. ....		30,9
As expressões de ternura e afeto costumam ser mais encorajadas na mulher que no homem ....	31,6	
As mulheres costumam ser mais orientadas para o casamento do que para a vida profissional	33,3	
O sucesso profissional das mulheres costuma ser acolhido da mesma forma que o sucesso profissional dos homens. ....		37,7
A realização profissional das mulheres costuma ser considerada tão importante quanto a dos homens. ....		38,9
As mulheres costumam ter maior dificuldade que os homens em escender a cargos de direção	39,3	
Um dos modelos mais difundidos pelos meios de comunicação de massa é o da boa esposa e mãe. ....	39,7	
Há certa reserva quanto à militância política da mulher. ....	40,0	
O casamento atrapalha mais a vida profissional da mulher do que a do homem. ....	40,2	
Homens e mulheres que realizam o mesmo trabalho recebem o mesmo salário. ....		41,9
Existe maior preconceito em relação à mulher desquitada do que em relação ao homem desquitado. ....	45,3	
O comportamento independente é mais valorizado pelos pais quando se trata de meninos que quando se trata de meninas. ....	47,2	
O cuidado dos filhos costuma interferir mais na atividade profissional da mulher do que na do homem. ....	48,4	
O cuidado das crianças costuma ser dividido igualmente entre marido e mulher. ....		49,9
Em situações de trabalho, a liderança de uma mulher é aceita com a mesma naturalidade que a de um homem .....		54,1
Em reuniões sociais de que participem homens e mulheres, falar de negócios é considerado tão natural para mulher quanto para o homem. ....		55,2
As características femininas mais valorizadas nos meios de comunicação de massa são a beleza e a atratividade sexual. ....	60,9	
Em geral exige-se mais fidelidade da mulher do que do homem. ....	62,5	
A ajuda nos trabalhos domésticos costuma ser solicitada igualmente de meninos e meninas. ...		70,5
A liberdade que os pais dão aos filhos durante a infância e adolescência é igual para meninos e meninas. ....		73,0
O trabalho doméstico costuma ser dividido igualmente entre o marido e a mulher. ....		77,0

TABELA 14

COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO ENTRE ITENS E RESPECTIVOS INDICES, NO NÍVEL DO «REAL GERAL»

Índice	Nº de Itens	Menor	Maior	Mediana
		Coefficiente Obtido	Coefficiente Obtido	dos Coeficientes Obtidos
Trabalho	9	0,33	0,52	0,37
Família	10	0,22	0,44	0,38
Socialização	15	0,21	0,55	0,42

Se examinarmos as correlações dos índices entre si, verificaremos que a tendência a ver desigualdades entre as condições de existência de homens e mulheres não se limita a uma área específica. Assim, no nível «Real Geral», a correlação entre trabalho e família é 0,66, trabalho e socialização é 0,72, e família e socialização é 0,75. Sendo tão altas as correlações, decidimos reunir os três índices em um só, criando o índice geral composto da soma algébrica dos três, e que constitui um indicador do grau de percepção de desigualdades entre homens e mulheres em geral, em todas as áreas. Passaremos a nos referir a esse índice pela sigla RG.

#### Diferenças entre os sexos

Quando examinamos as distribuições das respostas a cada item da escala já pudemos notar que as mulheres, mais do que os homens, percebem a existência de discriminação sexual. Quando os itens são reunidos nos três índices de trabalho, família e socialização, aquela diferença entre os sexos confirma-se em todos os índices, sem, no entanto, atingir significância estatística, o que é, de certa forma, surpreendente pois seria de se esperar que a mulher, sendo a vítima dessa discriminação, estivesse mais alerta para seus aspectos menos ostensivos, ou mais preocupada em conhecer o grau de sua generalidade. É verdade que, sendo a amostra constituída por estudantes de pós-graduação, as mulheres aí incluídas provavelmente estão entre aquelas que justamente teriam encontrado condições mais favoráveis. Ou que, tendo vencido as dificuldades encontradas, não vêem motivos para denunciá-las e, eventualmente, perder os pequenos privilégios obtidos. Evidentemente o processo não se desenvolve ao nível das intenções imediatas, e as próprias mulheres envolvidas podem não perceber as forças em jogo. Mas o resultado aí está: homens e mulheres diferem relativamente pouco quanto à percepção das desigualdades sociais entre os sexos.

#### Associações com percepção da realidade pessoal

Para melhor compreender o que estaria por trás deste resultado, correlacionamos o índice RG com os itens relativos à realidade pessoal. Como podemos observar no Anexo 1, os itens relativos à socialização primária e secundária do sujeito formaram índices relativamente homogêneos. O primeiro refere-se ao grau de igualitarismo encontrado na família de origem do sujeito e o segundo ao grau de isenção de preconceito entre seus companheiros atuais. Ambos apresentaram correlações negativas significativas, embora baixas com o índice RG, tanto para homens ( $r = 0,24$  e  $r = 0,22$ ) como para mulheres ( $r = 0,20$  e  $r = 0,36$ ), ou seja, quanto mais igualitária a família em que foi educado o sujeito e quanto menos preconceituosos são os seus amigos, menos ele percebe a discriminação existente contra as mulheres em geral. De um lado, isto é facilmente compreensível, pois existe a tendência a generalizar, a partir da experiência direta vivida. É possível também que em parte, essa percepção de família e amigos relativamente livres de preconceitos possa ser devida à mesma falta de sensibilidade que impede de perceber a inferioridade da posição a que a mulher é geralmente relegada. Por outro lado, essa correlação é um tanto surpreendente pois, na medida em que essa percepção da família e dos amigos tiver algum grau de realismo, seria de esperar que o contraste entre essa experiência com os grupos mais próximos e as relações predominantes na sociedade em geral tornasse mais aguda a percepção dessas discriminações, dificultando a tendência a generalização mencionada anteriormente.

Os itens relativos à percepção da realidade pessoal no casamento apresentaram correlações bem mais baixas, que os que se referiam a trabalho, confirmando a ambigüidade desses itens, sugerida pela análise apresentada no Anexo 1. Desses itens os únicos que apresentaram correlações significativas — embora muito baixas — com a percepção de desigualdades foram: «O fato de ser casado(a) não me permite dedicar como gostaria ao meu trabalho» ( $r = 0,14$ ) e «Eu dedico mais tempo do que meu cônjuge à supervisão e organização das atividades domésticas» ( $r = 0,13$ ).

Dos itens relativos ao cuidado dos filhos, apenas um não apresentou correlação significativa com o RG: «Minha carreira impede que eu dedique aos meus filhos a atenção que eles necessitam». A ambigüidade desse item é também indicada pelo fato de que uma porcentagem aproximadamente igual de homens e de mulheres concorda com essa afirmação: 63% e 62% respectivamente. Parece que, para a mulher, discordar dessa afirmação tanto pode ser o resultado de ter encontrado uma forma de organização do tempo e de divisão do cuidado dos filhos que lhe possibilite conciliar satisfatoriamente essa atividade com a

atividade profissional como também pode ser consequência de um menor comprometimento com a carreira ou excessivo dispêndio de tempo e energia exatamente para propiciar o cuidado necessário aos filhos.

Dos coeficientes de correlação de Pearson computados com os 7 itens que perguntavam se a mulher havia sofrido diretamente alguma discriminação no trabalho, todos foram positivos, seus valores variando de 0,14 a 0,26, com mediana igual a 0,21. Isto indica que as mulheres que dizem não ter enfrentado discriminação pessoalmente tendem a negar a existência desse tipo de problema para as outras mulheres também. Neste campo é impossível determinar a direção causal pois essa relação também pode ser expressa na direção oposta: as mulheres que acreditam que o sexo feminino em geral não é objeto de discriminação, recusam-se a admitir que esta tenha ocorrido no seu caso pessoal. De qualquer forma, o fato de as correlações não serem muito altas indica que se trata apenas de uma tendência, sendo concebível que haja ampla margem de variação que inclua desde aquelas que reconhecem o problema no nível social, embora este não as tenha atingido particularmente, até aquelas que, ao contrário, tendo sido vítimas desse processo não percebem em que grau ele se generaliza para outras mulheres.

O problema de distorção da percepção pode ser

melhor analisado observando a Tabela 15 onde a percepção da discriminação salarial é cotejada com um dado objetivo: o próprio salário. Procuramos controlar outras fontes de variação que poderiam ser confundidas com a influência do sexo. Para isto, dividimos o salário pelo número de horas trabalhadas e separamos os dados para os grupos que exerciam diferentes atividades profissionais.

Contra toda evidência empírica, há uns poucos homens (8) que acreditam que ganhariam mais se fossem mulheres. Surpreendentemente, são muito mais numerosas as mulheres que não pensam que ganhariam mais se fossem homens. É verdade que a Tabela 15 nos mostra que essas mulheres em geral ganham mais que suas colegas de profissão, mas a tabela mostra também que — com exceção das psicólogas e pesquisadoras — elas estão, de fato, ganhando bem menos que seus colegas. E isto, mesmo no caso de professoras secundárias e universitárias, entre as quais se supõe que os salários sejam iguais. Este fato provavelmente deve-se às diferenças de remuneração entre instituições e à existência de outros fatores que não a qualificação formal (pois, convém lembrar, trata-se de homens e mulheres que estão fazendo pós-graduação) que dificultam às mulheres o acesso às instituições que oferecem mais alta remuneração.

TABELA 15

MÉDIAS DE SALÁRIO-HORA SEGUNDO O SEXO, A ATIVIDADE PROFISSIONAL E A RESPOSTA AO ITEM 61\*

Atividade Profissional	Homens		Mulheres	
	Resposta	Resposta	Resposta	Resposta
	Sim	Não	Sim	Não
Advocacia	72,77 (4)	133,15 (69)	113,25 (6)	128,45 (8)
Magistério secundário	73,65 (8)	73,57 (34)	46,75 (36)	52,55 (55)
Magistério universitário	83,32 (1)	80,67 (32)	49,65 (49)	57,90 (74)
Psicologia e fonoaudiologia	—	57,82 (10)	53,12 (17)	72,55 (41)
Medicina	231,95 (3)	180,20 (15)	—	0,00 (1)
Administração	81,25 (1)	85,90 (13)	—	68,50 (5)
Serviço público	—	89,67 (7)	27,07 (4)	—
Pesquisa	—	100,42 (5)	64,12 (9)	132,90 (8)
Serviços técnicos em educação	—	54,17 (3)	69,40 (10)	42,07 (10)
Serviço social	—	106,25 (1)	47,62 (13)	62,10 (10)

\* Item 61: «Se eu fosse de outro sexo ganharia maior salário do que o que ganho hoje».

Observação: Os números entre parênteses representam os totais de sujeitos incluídos no cálculo das medidas.

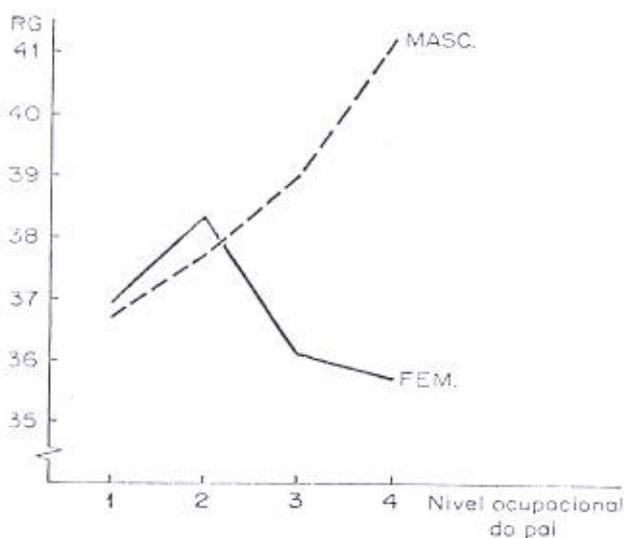
Outras variáveis associadas

Os Gráficos 5, 6 e 7 mostram outras variáveis associadas à percepção de desigualdades. Em primeiro lugar, observamos que, entre os homens da amostra, quanto mais alto o nível ocupacional de seu pai, maior é a percepção da desigualdade. Entre as mulheres, ocorre quase exatamente o oposto. Isto talvez indique que, para os homens, a consciência das desigualdades tenha um caráter mais intelectual, enquanto entre as mulheres, seja o resultado da vivência direta — as de classe mais alta, por terem provavelmente sofrido menores discriminações, não a têm tão aguda.

Fato semelhante se observa em relação a estado civil. A persistência de conflito entre papéis familiares acumulados com papéis profissionais faz com que as mulheres casadas e especialmente as desquitadas mais percebam a desigualdade entre homens e mulheres. Nos homens, o efeito de estado civil é pequeno e no sentido inverso.

GRÁFICO 5

MÉDIAS DE RG POR SEXO E NÍVEL OCUPACIONAL DO PAI



Em relação ao trabalho da mãe (Gráfico 6), uma vez mais observamos que este acentua a consciência das desigualdades afetando filhos e filhas igualmente. É bem verdade que, para os homens, o efeito do trabalho da mãe está confundido com o do nível ocupacional do pai que, conforme vimos na descrição da amostra, são duas variáveis que apresentam forte associação positiva na amostra masculina.

Quanto às diferenças entre os cursos, observamos que os dois cursos que menos apóiam a igualdade entre os sexos (direito e audiológia) são os que também menos vêem a existência atual de discrimi-

GRÁFICO 6

MÉDIAS DE RG POR SEXO E OCUPAÇÃO REMUNERADA DA MÃE

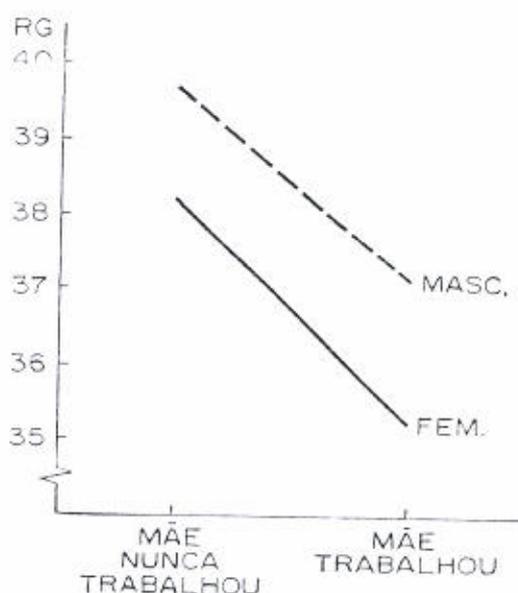


GRÁFICO 7

MÉDIAS DE RG POR SEXO E ESTADO CIVIL

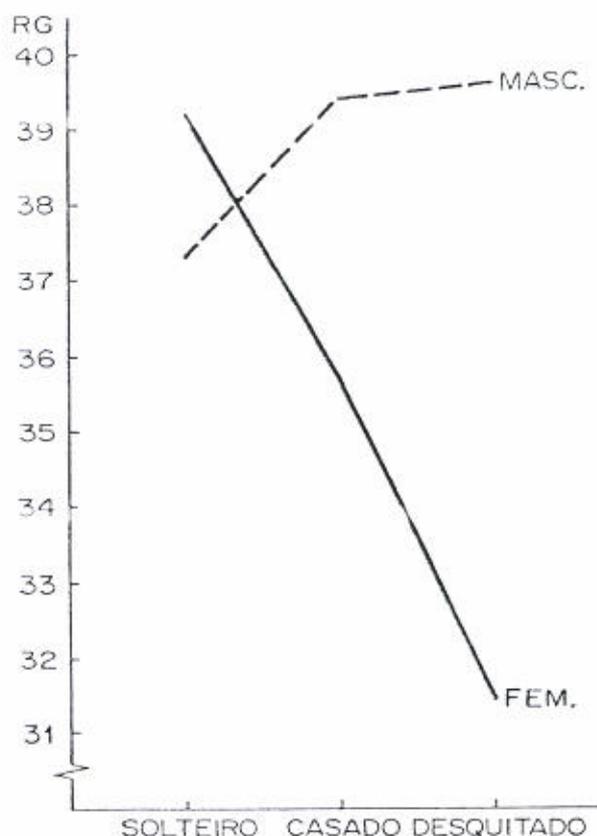
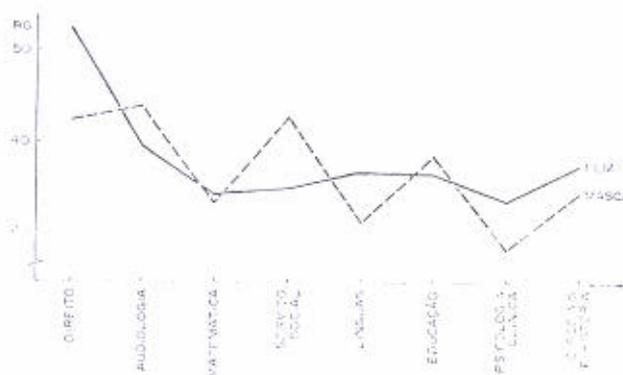


GRÁFICO 8

MÉDIAS DE RG POR CURSO E POR SEXO



nações (Gráfico 8). Essa associação é confirmada mais uma vez quando computamos a correlação entre RG e GI. Tanto para homens como para mulheres, os coeficientes de Pearson foram negativos e significativos: -0,14 e -0,29 respectivamente. Aqui também é difícil determinar a direção causal na dinâmica das representações encontradas. Se, de um lado, é concebível que a sensibilidade às discriminações observadas tenha levado ao desenvolvimento de valores igualitários, também não seria absurdo que o processo inverso ocorresse valeres determinando maior acuidade de observação. De qualquer forma, aqui também é importante salientar que as correlações, embora significativas, são bastante baixas, o que significa que há também muitas pessoas que não se enquadram nos padrões típicos de «favorável à igualdade, consciente das desigualdades» e «favorável à desigualdade, pouco consciente das desigualdades».

Tendo em vista essa associação relativamente pequena entre a percepção do real e a configuração do ideal, interessa estudar a discrepância entre ambas, o que faremos no Capítulo V.

A EXPLICAÇÃO DAS DESIGUALDADES

Entre os processos cognitivos que concretizam, ao nível do indivíduo, a interiorização do mundo social, e que a presente pesquisa procurou analisar, estão as atribuições causais, no caso os elementos que os indivíduos adotam para explicar a estratificação dos papéis sexuais e a posição de relativa inferioridade da mulher daí decorrente. Partindo do pressuposto que o desempenho de papéis sexuais leva a que o mundo social dividido entre homens e mulheres se torne subjetivamente real para o sujeito, entendemos que a análise das explicações por ele adotadas para essa situação, possibilitaria saber até que ponto ele a legitima ou questiona.

Nos últimos anos, grande número de psicólogos têm se dedicado a desenvolver a teoria da atribuição estudando os processos cognitivos que lhe são subjacentes, explicando os mecanismos que levam a diferentes atribuições causais e analisando suas implicações, tanto no próprio domínio cognitivo quanto nas suas manifestações comportamentais. Segundo as conclusões desses estudos, tais causas se organizariam em modelos explicativos mais ou menos coerentes e elaborados, entre os quais tem recebido ênfase especial a distinção entre causas internas e causas externas ao indivíduo. Nesta parte do trabalho não estamos interessados nesses modelos já formalizados, e sim no significado das causas privilegiadas para explicar as relações entre os sexos. Explicando melhor, a postura teórica e metodológica adotada exige que se examine em primeiro lugar até que ponto aquilo que estamos chamando de interiorização do mundo social implica na aquisição de diferentes padrões explicativos desse mundo.

A simples diferença nas explicações adotadas, contudo, não justificaria o interesse pelo assunto, se não existisse o pressuposto de que tais diferenças influenciariam a tendência à inovação ou mudança. Entendemos que, dependendo do tipo de causa que o sujeito valoriza para explicar o relacionamento entre os sexos, esse sujeito será mais ou menos propenso a agir tendo em vista mudar as normas sociais que regulam esse relacionamento.

Pode-se argumentar que a simples escolha de explicações não seria suficiente para influenciar a ação inovadora. Todavia, sua ocorrência é condicionada a uma crença na possibilidade de mudar a situação existente, de modo que a atribuição a causas modificáveis poderia ser tomada como condição necessária.

Podemos ir ainda mais além, procurando, por meio do estudo das atribuições causais que os indivíduos adotam, não apenas distinguir aqueles que acreditam ou não na modificabilidade das normas que regulam as relações entre homens e mulheres mais também indagar sobre a natureza ou a direção da mudança que os sujeitos prevêem e valorizam. Isso será possível se conseguirmos associar suas atribuições causais com os valores e percepções que ele declara. Recolocando o problema de outra perspectiva, o exame do conteúdo dos elementos causais adotados pelos sujeitos pressupõe ser esse conteúdo parte da ideologia à qual ele aderiu no que tange aos papéis sexuais.

1. TESTE DE UM MODELO CAUSAL

Tal como foi delineado, o estudo das atribuições causais implica numa abordagem de um lado mais ampla e de outro mais limitada do que a que tem sido dada a esse fenômeno pela psicologia social.

Mais ampla na medida em que procura relacionar essas atribuições com valores sócio-culturais, encarando-as como um dos aspectos de um processo geral de assimilação do mundo social. Mais limitada porque se prende a um tema específico, e nesse sentido as categorias de causas a serem analisadas possuem um menor grau de abstração.

Foi construída uma taxonomia das causas mais freqüentemente encontradas no discurso cotidiano, na qual se procurou distinguir causas modificáveis e causas não modificáveis. Entre as primeiras houve ainda preocupação em separar aquelas que dependessem preponderantemente de mudanças no plano individual daquelas que privilegiassem mudanças sociais mais amplas. Esse princípio, entretanto, não possibilitou um resultado elegante do ponto de vista lógico e isso por duas razões principais. Em primeiro lugar não seria possível a construção de categorias mutuamente exclusivas para um problema multideterminado como o das relações entre os sexos. Por outro lado, as causas que revelam crença na modificabilidade da situação existente — pelo fato mesmo de que muitas são as orientações possíveis da mudança — são por demais diversificadas. Disso resultou que este tipo de causa fosse mais numeroso na taxonomia do que aquelas que de algum modo negam a possibilidade de mudança.

As categorias causais incluídas são as que vêm explicadas a seguir.

#### Causas modificáveis principalmente no plano individual

1. **Colaboração dos homens.** Esta visão traz implícita a idéia de que qualquer mudança depende principalmente de uma modificação na atitude dos homens, sem considerar o que está por trás dessa atitude. «O homem não respeita suficientemente a capacidade da mulher»... «De modo geral não valorizam o sucesso da mulher em áreas acadêmicas ou profissionais»... Embora tenha sido incluída com este significado na taxonomia, esta categoria causal, como as demais que privilegiam principalmente a mudança no plano individual, pode ter significado diferente dependendo de sua importância relativa junto aos demais elementos que compõem o modelo causal adotado por um determinado sujeito. Tomada isoladamente, ela padeceria do vício de atribuir ao arbítrio e ao poder das pessoas fatos cuja determinação transcende em muito o nível pessoal de decisão. Combinada com outros fatores, a valorização relativa desta causa sugere que o sujeito reconhece que talvez mudanças sociais mais amplas devam ser acompanhadas de uma ressocialização para garantir mudanças dos comportamentos individuais em situações concretas.

2. **Próprias mulheres.** A atribuição da manutenção ou da mudança do status quo à decisão individual funciona como mecanismo de legitimação da

atual divisão de papéis entre os sexos. Se as mulheres estão em posição de inferioridade é porque cada uma delas não toma a iniciativa de mudar a sua situação. É um conceito paralelo ao da «ética do esforço» analisado por Muñoz (1972), segundo a qual uma dada situação geral comum a um determinado grupo de pessoas, é resultado de opções feitas por cada membro deste grupo individualmente: «as próprias mulheres preferem mostrar ambivalência diante do sucesso»... «os meios de comunicação apenas reforçam os modelos que são voluntariamente escolhidos pelas próprias mulheres»... Foi exatamente com este significado que esta categoria causal foi introduzida na taxonomia. Cabem aqui, contudo, as mesmas considerações já feitas para a categoria anterior, relativa à colaboração dos homens. Reconhecer a cumplicidade da mulher na manutenção de sua situação não implica necessariamente — embora isto é momentaneamente ocorra — em transformar a vítima em réu. Essa implicação dependerá de que outros fatores seriam importantes como potencialidade de mudança, bem como da posição relativa que as «próprias mulheres» assumem nesse conjunto de fatores.

3. **Ação de líderes.** É semelhante às categorias anteriores na medida em que se trata de outra forma de individualismo: a mudança social depende de indivíduos colocados em posições de poder. No entanto, é diferente na medida em que atribui importância a um número reduzido de indivíduos com características especiais, e não ao cidadão comum. Não se procurou discriminar que tipo de elite é considerado capaz de promover ou impedir a mudança. Em alguns casos, a referência é feita a líderes em geral: «os líderes desses países têm reconhecido a necessidade de assegurar às mulheres os mesmos direitos dos homens»; em outros, trata-se de autoridades em áreas específicas de conhecimento: «A maioria dos psicólogos famosos...». Há também referência a grupos de pressão como: «grupos poderosos que controlam os meios de comunicação»...

#### Causas modificáveis principalmente no plano social

4. **Sistema social inclusivo.** Nesta categoria estão as explicações que se reportam a dinâmica do próprio sistema, tanto no nível da infra-estrutura, quanto da super estrutura: «a evolução da economia», «os padrões culturais e os sistemas de organização social», «os valores morais e religiosos», «as relações de competição no mercado de trabalho», «os interesses do sistema econômico vigente», «desequilíbrios no sistema social». Trata-se, sem dúvida, de uma categoria heterogênea e abrangente que permite principalmente discriminar os que privilegiam fatores sociais daqueles que enfatizam mais a importância dos fatores individuais. É uma discriminação bastante rudimentar, mas necessária para que se possa pretender uma análise mais pormenorizada das muitas nuances que

a valorização de um ou outro tipo de causas pode comportar.

5. **Educação.** Esta categoria causal foi entendida não apenas em termos de aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, mas como um processo social orientado por normas e valores. Neste sentido o termo socialização provavelmente expressaria melhor o significado que se atribui a este tipo de causa: «a educação da mulher não a prepara para tomar iniciativas», por exemplo, implica no reconhecimento dos valores culturais subjacentes à formação da mulher. A valorização da Educação como causa não implica, necessariamente, assumir a posição de que são também necessárias mudanças sociais estruturais para modificar as relações de homens e mulheres. A adesão à Educação, neste caso, pode incluir desde a visão de que ela pode ser o motor da transformação social, até a posição oposta, de que o processo educacional é unicamente reproduzidor dos valores e das relações sociais dominantes.

6. **Ação coletiva organizada.** A atribuição da potencialidade de mudança de papéis sexuais à ação de grupos organizados implica na expressão de uma crença na eficácia da intervenção planejada para a modificação da realidade social, embora não especifique serem essas transformações a nível de sistema, ou apenas setoriais. Parece abrigar grande parte das variantes do feminismo menos radical ao valorizar a constituição de grupos de pressão e de reivindicação: «as mulheres têm constituído grupos de pressão e utilizado sua força política junto às fontes de poder», «as mulheres... não se propõem, organizadamente como grupo, reivindicar medidas...».

**Causas que negam a possibilidade de mudança**

7. **Natureza.** Em direta oposição à visão eminentemente social das categorias anteriores, a atribuição de papéis sexuais à natureza privilegia o biológico e é, portanto, praticamente uma negação da possibilidade de mudança, já que a lentidão da evolução biológica permite considerar este dado como fixo. Referem-se a «necessidades naturais», a «natureza feminina» e às vezes são um pouco mais específicas: «o homem é por natureza mais capaz de tomar decisões». Estas afirmações sugerem a crença não só na impossibilidade de mudança, mas também na sua indesejabilidade, uma vez que está bastante disseminada a idéia de que tudo que é natural é bom.

8. **Fatores complexos ou desconhecidos.** A afirmação da ignorância quanto às causas geradoras da divisão de papéis assume formas variadas: «As questões legais variam conforme as condições históricas, em função de uma complexidade de fatores, sendo portanto difícil generalizar»; «A divisão de papéis dentro do casamento é regulada por fatores difíceis

de analisar». É óbvio que fenômenos complexos como a distribuição de papéis entre os sexos são função de uma multiplicidade de fatores, sendo de se esperar, portanto, que as pessoas julguem que os sete elementos causais incluídos na taxonomia não esgotem todas as possíveis causas de mudança. Mas as pessoas diferirão quanto ao grau de confiança que depositam na sua capacidade de apreensão racional dos fatores determinantes da maior ou menor potencialidade de transformação dos papéis. A atribuição da situação existente a fatores desconhecidos ou difíceis de compreender estaria, dessa forma, associada à dúvida quanto à possibilidade — ou não — de mudança e quanto a sua direção provável, ou a certo desinteresse pelo assunto (o que também levaria à inatividade nessa área). Essa noção parece sobremodo verdadeira no caso da amostra da presente pesquisa. Poder-se-ia admitir que pessoas cujo acesso à cultura e à informação é limitado preferissem adotar uma explicação deste tipo diante de um fenômeno que escaparia à sua capacidade de verbalização e portanto sobre o qual ela sentiria não possuir explicações mais específicas. Esse não é com certeza o caso de pessoas que cursam a pós-graduação para quem as questões relativas às relações entre os sexos já devem ter sido de algum modo colocadas na experiência pessoal bem como na informação que receberam dos mais diferentes meios. Afinal, as diferenças sociais decorrentes do sexo são bastante perceptíveis e as causas que as determinam já devem ter sido objeto de consideração para quem alcançou alto nível de escolarização.

As categorias causais que acabamos de explicitar foram transformadas em afirmações que indicavam possíveis causas de situações nas quais se descrevia um fato ou processo relativo aos papéis sexuais.

Para cada uma dessas situações apresentadas pediu-se aos sujeitos que avaliassem a importância de cada uma das oito causas, numa escala que variava de 0 (= pouquíssimo importante) a 4 (= muitíssimo importante). Cada afirmação causal referente a cada situação foi considerada um item, de modo que cada situação comportou 8 itens e o número total de itens foi 8 multiplicado pelo número de situações apresentadas.

As cinco situações constantes do instrumento final são as seguintes: trabalho, sexualidade, socialização primária, socialização secundária e casamento.

A título de exemplo transcrevemos a situação I, relativa a trabalho. Ao final de cada item acrescentamos entre parênteses a categoria causal a qual ele se reporta.

TABELA 16  
CORRELAÇÕES ENTRE ITENS E ESCORES DA TAXONOMIA CAUSAL

Situação a que se refere o item	Escore							
	Próprias		Líderes	Sistema	Educação	Ação Organizadora	Natureza	Fatores Complexos
Homens	Mulheres							
I. Trabalho	0,31	0,35	0,28	0,30	0,25	0,49	0,47	0,56
II. Sexualidade	0,18	0,24	0,28	0,23	0,19	0,30	0,15	0,61
III. Socialização Primária	0,32	0,29	0,24	0,40	0,35	0,60	0,44	0,57
IV. Socialização Secundária	0,24	0,30	0,31	0,45	0,36	0,54	0,41	0,55
V. Casamento	0,38	0,26	0,33	0,26	0,33	0,53	0,35	0,58

I. O número de mulheres casadas que trabalham fora, seja por problemas econômicos, seja em busca de maior realização pessoal, tem aumentado progressivamente. Esse fato, contudo, não está levando a uma redefinição dos papéis sexuais tradicionais. De modo geral, a mulher que trabalha acumula as atividades de dona da casa com as profissionais, numa «dupla jornada», o que dificulta sua plena realização. Esse fato ocorre porque:

109. Ainda que alguns homens declarem admitir ou mesmo valorizar o trabalho das mulheres fora do lar, suas atitudes tradicionais não lhes permitem dividir com elas o serviço doméstico. (Colaboração dos homens).
110. As mulheres que trabalham fora não se têm organizado para reivindicar mudanças na divisão de trabalho dentro do lar. (Ação organizada).
111. A mulher é por natureza inclinada ao papel de esposa e de mãe, e mesmo trabalhando fora sente-se satisfeita em desempenhá-lo. (Natureza).
112. As relações familiares dependem dos padrões culturais e dos sistemas de organização social prevalentes e por isso não se modificam apenas a partir de fatos que acontecem às pessoas em particular. (Sistema).
113. Pessoas de prestígio social e político não se têm preocupado em promover debates e medidas que facilitem uma redefinição dos papéis do homem e da mulher no casamento. (Ação de líderes).
114. Via de regra as próprias mulheres que trabalham assumem sem discutir todas as tarefas domésticas, e não se empenham em modificar as distribuições das funções dentro de casa. (As próprias mulheres).
115. A divisão de papéis dentro do casamento é regulada por fatores difíceis de analisar. (Fatores complexos).

116. O fator da mulher trabalhar fora não é suficiente para modificar comportamentos aprendidos por homens e mulheres desde a infância. (Educação).

Os escores foram computados pela soma dos cinco itens de cada categoria causal. Assim por exemplo, o escore de «Sistema» foi obtido somando-se os resultados dos itens que expressavam uma atribuição causal a essa categoria, referentes a cada uma das cinco situações apresentadas no instrumento. Foram portanto computados os escores relativos a: «Homens», «Próprias mulheres», «Liderança», «Sistema», «Educação», «Ação organizadora», «Natureza» e «Fatores complexos»<sup>9</sup>. O maior valor possível de cada escore foi 20 (causa considerada muitíssimo importante em todas as situações) e o menor foi 0 (causa considerada sem nenhuma importância em todas as situações).

A consistência interna foi estudada por uma análise de itens na qual se computou a correlação de cada item a soma dos outros itens que faziam parte do mesmo escore. Os resultados na Tabela 36 indicam, de modo geral, uma consistência satisfatória das escalas, e conseqüentemente uma tendência a valorizar cada causa de modo semelhante nas diferentes situações. Os itens relativos à situação II (sobre sexualidade), foram, de um modo geral, os que apresentaram correlações mais baixas com os respectivos escores. Principalmente o item relativo à «Natureza», na situação II, foi valorizado de modo bastante diferente dos demais de seu escore. Essa situação era a única positiva — isto é, que retratava não uma situação de inferioridade ou prejuízo da mulher, mas sim uma mudança para uma situação mais favorável à mulher. É bastante provável que esse fato tenha influenciado a atribuição causal: talvez diferente, por exemplo, explicar uma situação indesejável pela falta

<sup>9</sup> Para facilidade de exposição algumas categorias causais daqui em diante mencionadas de modo abreviado.

de colaboração dos homens do que explicar uma mudança desejável pela maior colaboração dos homens. Além disso, especialmente para a causa «Natureza», o assunto sexualidade seria o mais possível de interpretação discrepante daquelas aventadas para os temas que constituíram conteúdo das demais situações. Por cautela decidiu-se então excluir os itens da situação II das análises posteriores.

As relações entre os escores foram investigadas através de análises fatoriais, tendo em vista detectar possíveis padrões explicativos no grupo, bem como confrontá-los com os pressupostos que orientaram a construção do modelo causal adotado. Na Tabela 37 são resumidos os resultados da análise fatorial dos escores brutos, para o grupo total — homens e mulheres, nas Tabelas 38 e 39 estão resumidos os resultados das análises fatoriais dos escores padronizados, separadas por sexo.

TABELA 17

ANÁLISE FATORIAL DOS ESCORES BRUTOS DA TAXONOMIA CAUSAL — AMBOS OS SEXOS (N = 519)\*

Taxonomia Causal	Fator I	Fator II
Homens	0,73	
Próprias mulheres	0,48	0,42
Liderança	0,75	
Sistema	0,63	
Educação	0,70	
Ação organizada	0,67	
Natureza		0,85
Fatores complexos		0,58

\* Só são apresentadas as cargas acima de 0,20.

TABELA 18

ANÁLISE FATORIAL DOS ESCORES PADRONIZADOS DA TAXONOMIA CAUSAL — SEXO MASCULINO (N = 195)\*

Taxonomia Causal	Fator I	Fator II	Fator III
Homens		0,75	
Próprias mulheres	0,42		
Liderança			0,38
Sistema			0,23
Educação			0,56
Ação organizada			0,36
Natureza	0,78		
Fatores complexos		0,25	

\* Só são apresentadas cargas maiores que 0,20.

TABELA 19

ANÁLISE FATORIAL DOS ESCORES PADRONIZADOS DA TAXONOMIA CAUSAL — SEXO FEMININO (N = 323)\*

Escores	Fator I	Fator II	Fator III
Homens	0,21	0,26	
Próprias mulheres		0,62	
Liderança	0,27		
Sistema			0,50
Educação		0,38	0,24
Ação organizada	0,70		
Natureza		0,21	-0,35
Fatores complexos	-0,21		-0,35

\* Só são apresentadas as cargas maiores que 0,20.

O que se pode concluir resumidamente das análises fatoriais realizadas é que os modelos causais adotados pelo grupo não são simples. Embora homogêneo quanto ao nível educacional, o grupo parece incluir sujeitos com padrões de explicação diferentes, quando não opostos. Quando examinamos a porcentagem de variância explicada pelos fatores que foram obtidos nas amostras masculina e feminina, vemos que, em ambos os casos, três fatores não chegaram a responder por muito mais do que 60% da variação total. Além disso, o poder explicativo de cada fator não é muito alto, as porcentagens de variância distribuem-se de modo relativamente equilibrado entre os três fatores, em ambas as amostras. Entretanto o significado que se pode extrair de cada fator não contradiz os pressupostos do modelo adotado. Principalmente as causas «Sistema», «Ação organizada», «Educação», «Fatores complexos» e «Natureza» aparecem nas Análises Fatoriais em posições que corroboram as hipóteses implícitas em seu significado. Por outro lado, os dados permitem ainda elucidar melhor o significado das causas «Homens» e «Próprias mulheres», confirmando a idéia de que elas teriam diferentes conotações, dependendo do conjunto das causas adotadas por cada sujeito.

Podemos dizer que, na medida em que o modelo explicativo adotado para um fenômeno da vida social pode ser considerados um dos componentes da ideologia que o processo de socialização levou o sujeito a adotar, parecem existir no grupo não uma, mas várias ideologias no que tange aos papéis sexuais. E se, numa classificação relativamente grosseira, podemos dizer que tais ideologias se identificariam com um padrão mais conservador ou mais inovador, uma análise mais refinada levaria à conclusão que as coisas não são assim tão simples. Em primeiro lugar, dentre as muitas nuances de inovação, os dados permitem

vislumbrar padrões explicativos que variariam dentro de diferentes dimensões. Uma dessas dimensões é a que chamaríamos «liberal» e talvez identificada com a ação feminista mais tradicional, no seu polo inovador (fator I da amostra feminina). Aqui a ação coletiva organizada e os fatores predominantemente individuais possuem grande importância, ao mesmo tempo em que se afirma a possibilidade de explicação. Bem diferente parece ser a dimensão subjacente ao fator III de ambas as amostras: aqui são as categorias causais de ordem predominantemente social que adquirem grande peso. O polo conservador dessa dimensão adquire contornos nitidamente reacionários. Este polo conservador, por sua vez, corresponderia ao padrão definido pelo fator I da amostra masculina. Finalmente existem causas sobre as quais o grupo estudado não possui consenso, e que sofrem diferentes interpretações dependendo de cada sujeito, ou ainda que, para o mesmo sujeito, são interpretadas de modo ambíguo, mudando de uma situação para outra. Essa parece ser de fato a dimensão subjacente ao fator II da amostra feminina e talvez ao fator II da masculina. A complexidade existente no grupo pode, à primeira vista, parecer intrigante, pois em se tratando de sujeitos de alto nível educacional, que forçosamente já experienciaram a condição de homem ou de mulher, dever-se-ia esperar que já dispusessem de um modelo causal mais coerente e elaborado. Convém todavia lembrar que, neste assunto, é bastante plausível supor que existam contradições nas pessoas. Na medida em que o desempenho de papéis sexuais já não é mais regulado por normas sociais incontestáveis, a interiorização desse segmento do universo social não se realiza mais pacificamente. Dependendo dos inúmeros fatores presentes no processo de socialização, é bastante possível que este conduza à aquisição de conhecimentos e atitudes que levem a legi-

timar ou a contestar os papéis de homem e de mulher e que, ao mesmo tempo, tanto num caso como no outro, desenvolvam certa ambivalência quanto a considerá-lo mutáveis e valiosos.

Mesmo sabendo que a complexidade do tema dificulta a existência de consenso no grupo, é relevante indagar sobre quais são as causas preferidas. Na Tabela 20 são apresentadas as frequências de «muitíssimo importante» obtidas por cada causa nas quatro situações. As causas «Fatores complexos» e «Natureza» são as menos valorizadas independentemente da situação: apresentam as menores porcentagens de «muitíssimo importante» reforçando a idéia de que predomina no grupo como um todo um padrão de «racionalidade» que se expressaria na crença de que a situação de mulher é explicável e modificável.

Mas as porcentagens da Tabela 20 sugerem ainda que, dentre as diversas causas modificáveis — e consequentemente dentre as respectivas estratégias de ação que exigiriam para serem modificadas — algumas seriam mais importantes que outras. Em três das quatro situações, a causa «Sistema» aparece entre as duas que tiveram maior porcentagem de «muitíssimo importante». «Liderança» e «Ação organizada» estão entre as duas mais «cotadas» pelo grupo em duas das quatro situações. Finalmente «Educação» e «Próprias mulheres» aparecem uma vez entre as duas mais valorizadas. São portanto as causas modificáveis principalmente no plano social as mais invocadas como «muitíssimo importante». Isso se aplicaria inclusive à causa «Liderança», que, embora definida como principalmente individual, pode ser considerada bem menos individual que «Homens» e «Próprias mulheres», especialmente quando associada a «Sistema» ou a «Ação organizada».

TABELA 20  
PORCENTAGENS DE «MUITÍSSIMO IMPORTANTE» OBTIDAS  
POR CADA CAUSA DA TAXONOMIA, EM CADA SITUAÇÃO

Taxonomia Causal	Situação			
	I (Dupla Jornada)	II (Medo do Sucesso)	III (Modelos nos MCM)	IV (Legislação-Casamento)
Homens	16,8	9,0	8,0	12,3
Próprias mulheres	18,6	7,2	6,5	6,7
Liderança	12,2	6,2	25,5	18,8
Sistema	27,3	13,8	32,2	9,9
Educação	18,3	13,8	6,9	11,5
Ação Organizada	10,6	12,9	11,0	15,7
Fatores complexos	7,0	6,7	4,4	4,1
Natureza	7,7	3,3	3,5	3,4

A grande diversidade nas porcentagens, observada de situação para situação, deve-se em parte à heterogeneidade na natureza das próprias situações e, em parte, à própria forma de redação de cada item. Assim, é difícil determinar nessas diferenças de porcentagem, em que grau estão ligadas à especificidade da lógica intrínseca de cada situação e em que grau são originárias das limitações próprias do instrumento. De qualquer forma, é notável que essa diversidade não tivesse impedido que os itens apresentassem alta consistência interna, como vimos na Tabela 16. Isto indica que, apesar de o grupo como um todo valorizar determinada causa mais numa situação do que em outra, existe uma tendência definida a que os indivíduos que lhe atribuem mais importância numa situação sejam os mesmos que lhe atribuam relativamente maior importância em outra situação. Embora possa haver diferença na importância absoluta atribuída por um indivíduo a uma causa em duas situações diferentes, a posição relativa dessas importâncias tende a ser igual, quando se considera o grupo como um todo.

Talvez a questão mais importante no que se refere à atribuição causal para explicar a situação da mulher seja a de saber se os sexos diferem quanto ao tipo de atribuição. A Tabela 21 mostra que em todas as causas, exceto «Fatores complexos», ocorreram diferenças significativas entre as médias dos escores masculinos e femininos.

TABELA 21  
MÉDIAS E DESVIOS DOS ESCORES  
DA TAXONOMIA CAUSAL POR SEXO<sup>a</sup>

Taxonomia Causal	Sexo	
	Masculino (N=172)	Feminino (N=291)
Homens	11,0 (2,9)	12,5 ** (2,9)
Próprias mulheres	10,4 (2,6)	11,7 ** (3,0)
Liderança	10,9 (3,1)	11,9 ** (2,9)
Sistema	11,0 (3,3)	12,9 ** (3,2)
Educação	10,7 (3,1)	12,1 ** (3,1)
Ação organizada	10,6 (3,6)	12,0 ** (3,7)
Fatores complexos	8,8 (3,8)	8,8 (3,5)
Natureza	9,1 (3,4)	8,1 ** (2,9)

a: Os desvios aparecem entre parênteses.  
\*\* Diferença significativa a 0,01.

Portanto se homens e mulheres não diferiram quanto à noção de que a condição feminina possa ser racionalmente explicada, o exame da direção das diferenças nas demais causas indica que as mulheres atribuíram maior importância que os homens a todas as causas modificáveis («Homens», «Próprias mulheres», «Sistema», «Educação», «Liderança» e «Ação organizada»), e que apenas em «Natureza» a média dos escores masculinos é significativamente mais alta que a dos escores femininos. O fato de ser mulher foi portanto decisivo, neste grupo, para o julgamento do grau em que cada uma das causas determina a situação da mulher em geral. É interessante examinar que, tomadas isoladamente, as amostras feminina e masculina apresentaram praticamente a mesma ordenação de causas. Entretanto, se todos consideram as causas modificáveis importantes e tenderam a considerar de menor importância as não modificáveis, as mulheres foram mais radicais que os homens em ambos os casos. Merece ainda destaque a clareza com a qual a amostra feminina, relativamente à masculina, negou a importância da «Natureza».

O que estaria por trás desse maior radicalismo das atribuições das mulheres seria provavelmente o fato de elas, mais que seus colegas do outro sexo, se identificarem com as situações propostas. Na realidade essa idéia é bastante simples e intuitiva: quando sentimos um problema na própria pele, tendemos a ser mais sensíveis para com suas causas, e talvez, a dar a elas maior importância do que daria uma pessoa que não vive esse problema. Por outro lado, é também bastante explicável que as mulheres sejam mais enfáticas que os homens ao negar o determinismo do natural: elas são mais diretamente interessadas na mudança da situação feminina, e reconhecer a determinação da natureza seria não só reconhecer a imutabilidade daquela situação como endossar o argumento que justifica a sua própria inferioridade como decorrente de uma condição biológica. Acrescente-se que elas mais que os homens devem sentir o quanto esse argumento visa a escamotear a ação de outras causas de origem social ou individual.

Além do sexo, investigou-se também a influência que outras características dos sujeitos tiveram sobre as atribuições causais, a saber: estado civil, nível ocupacional do pai, e exercício de atividade remunerada por parte da mãe. Apenas esta última variável apresentou relação com aquelas atribuições: filhos de mãe que trabalham ou trabalharam em atividades remuneradas atribuíram mais importância a «Sistema» e menos aos «Fatores complexos» e «Natureza». É bastante provável que a experiência doméstica cotidiana de filhos de mãe com trabalho remunerado tenha propiciado a compreensão de que a situação da mulher — da qual a mãe é um exemplo — não se explica por fatores naturais ou «irracionais». Por outro lado é também possível que o trabalho remun-

nerado da mãe se associe a um ambiente menos tradicional quanto aos valores sobre as relações entre os sexos, o que permitiria uma visão mais social da condição feminina.

«Sistema» e «Natureza» foram, portanto, as duas causas nas quais se produziram diferenças significativas tanto entre homens e mulheres como entre filhos de mãe que exerceram e não exerceram atividade remunerada. Poder-se-ia supor algum tipo de interação entre essas duas variáveis; portanto, é interessante indagar se as diferenças de sexo se manteriam

TABELA 22

MÉDIAS E DESVIOS DOS ESCORES DA TAXONOMIA CAUSAL POR EXERCÍCIO DE OCUPAÇÃO REMUNERADA PELA MÃE\*

Escore	Ocupação Remunerada da Mãe	
	Nunca Exerceu (N=311)	Exerce ou já Exerceu (N=218)
Homens	11,8 (3,0)	12,2 (2,9)
Próprias mulheres	11,1 (3,0)	11,3 (3,0)
Liderança	11,5 (3,0)	11,8 (3,3)
Sistema	12,4 (3,3)	13,0** (3,3)
Educação	11,5 (3,1)	11,6 (3,3)
Ação organizada	11,5 (3,6)	11,6 (4,0)
Fatores complexos	9,2 (3,8)	8,0** (3,3)
Natureza	8,7 (3,2)	7,9** (3,1)

a: Os desvios aparecem entre parênteses.

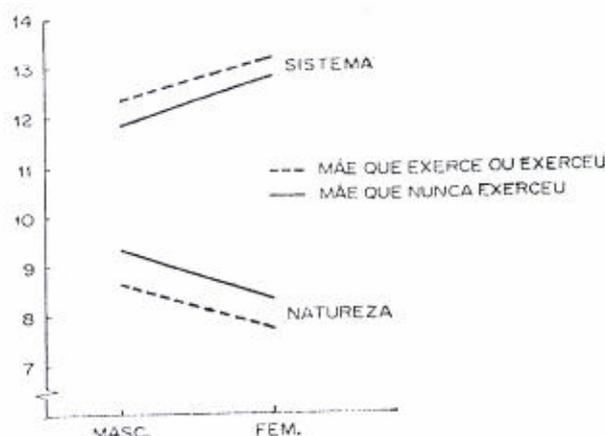
\*\* Diferença significativa a 0,01.

quando controlada a influência do trabalho remunerado da mãe. No gráfico 9 verifica-se que não houve interação, seu efeito foi cumulativo, indicando que, independentemente do exercício de atividade remunerada por parte da mãe, a diferença de sexo observada nas causas «Sistema» e «Natureza», se mantém. Se considerarmos que nas demais causas ocorreram apenas diferença quanto ao sexo, isso corrobora o argumento de que é de fato este último a condição mais poderosa na determinação das atribuições causais. Esse fato faz sentido em termos dos postulados teó-

ricos iniciais. Em se tratando de papéis sexuais, é a condição de homem ou de mulher que mais responderia — dentro de uma amostra relativamente homogênea quanto à origem sócio-econômica — pela forma como o sujeito interiorizou esse segmento de seu universo social. No nosso caso dois padrões se configuram, que não são antagônicos mas também não são idênticos: de um lado um padrão feminino, que atribui maior importância às causas modificáveis e menor à «Natureza». As mulheres tenderiam, portanto, a atribuições de importância no extremo da escala. De outro lado, um padrão masculino, provavelmente um pouco mais concentrado nas posições intermediárias.

GRÁFICO 9

MÉDIAS DE «SISTEMA» E «NATUREZA» SEGUNDO O SEXO E A OCUPAÇÃO REMUNERADA DA MÃE

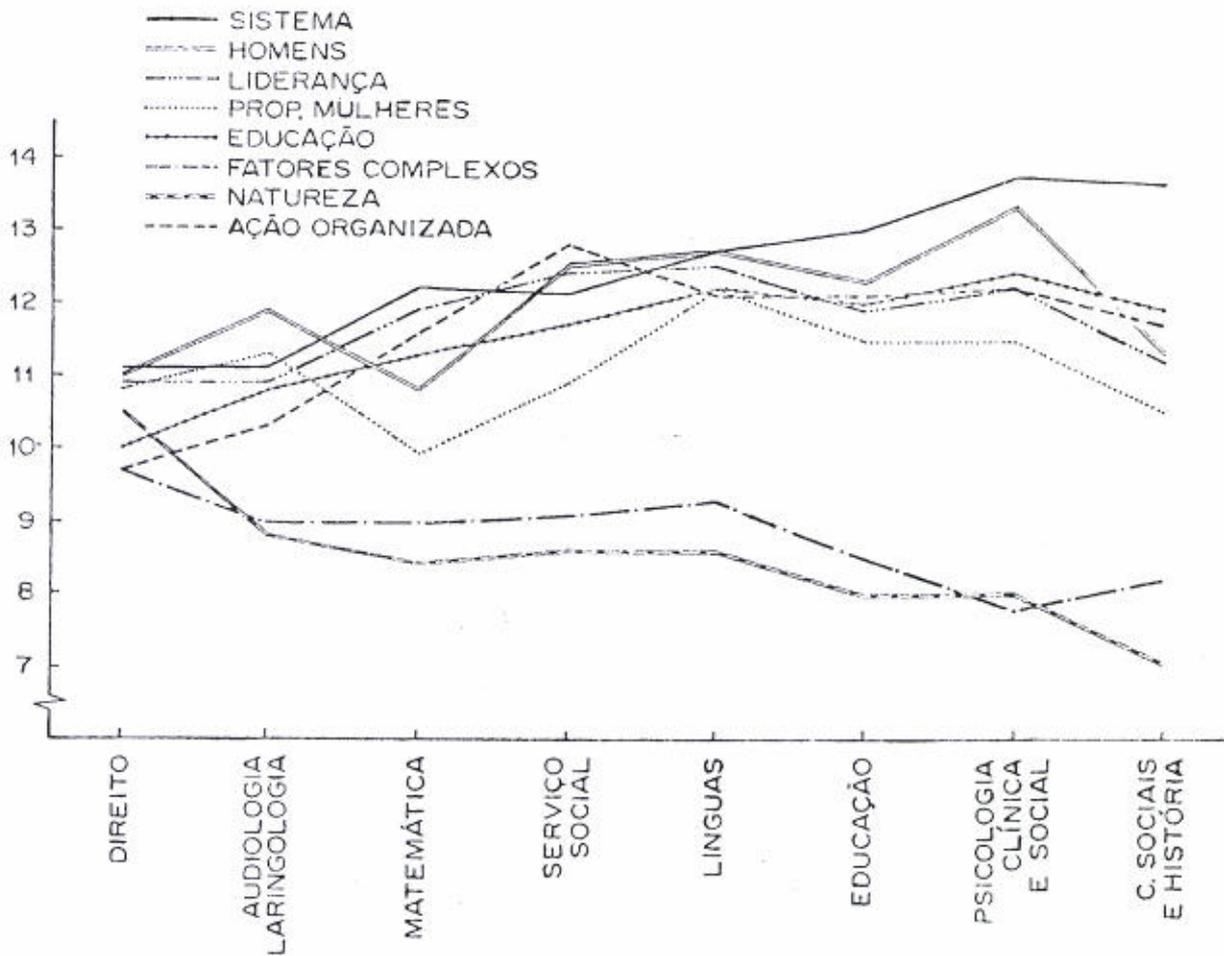


Finalmente, investigou-se se sujeitos de diferentes cursos de pós-graduação diferiam quanto ao tipo de atribuição causal. O Gráfico 10 apresenta as médias de cada escore causal por diferentes cursos.

É interessante notar que, em direito, as médias estão bastantes próximas enquanto que os alunos de ciências sociais e história tenderam a atribuir importância bem diferentes às diferentes causas. Neste sentido os advogados são os que mais endossariam uma ideologia mais conservadora, tanto por serem os que maior importância atribuíram a «Natureza» e «Fatores complexos», como por estarem entre os que deram menor importância a «Sistema», «Ação organizada» e «Educação». Perfil exatamente inverso delinea-se entre os sociólogos e historiadores. A ordem em que os cursos aparecem no gráfico corresponde aproximadamente a uma ordenação dos mesmos quanto à importância atribuída causas já mencionadas. No lado caracterizado por atribuições de cunho mais conservador estariam direito, audiologia, laringologia e matemática, ao passo que no outro extremo, esta-

GRAFICO 10

MÉDIA DOS ESCORES DA TAXONOMIA CAUSAL POR CURSO



riam ciências sociais e histórica, psicologia e educação. Não é simples a interpretação dessas diferenças. Pode-se supor que valores mais avançados quanto a questões sociais em geral levem o sujeito a optar por determinada área de estudos cujo conteúdo, por seu lado, reforçaria aqueles valores iniciais. O mesmo ocorreria no caso de valores conservadores, isto é, uma relação recíproca entre eles e a área de especialização do sujeito. Por outro lado, é importante considerar que, especialmente no curso de direito, há grande predominância de homens ao passo que nos cursos que se localizaram no lado caracterizado por um padrão explicativo mais inovador, as mulheres são maioria. Isso, se por um lado complica a análise, por outro lado é útil para relativizar as diferenças de sexo retratadas na Tabela 21, que podem em parte ser devidas a diferenças de curso, no caso da amostra em questão.

Um dos pressupostos do estudo das atribuições causais foi o de que seu conteúdo poderia ser associado com os valores relativos aos papéis sexuais, e nesse sentido seria um indicador da adesão a uma ideologia mais ou menos inovadora nessa área. De fato, a hipótese geral de trabalho, que esteve por trás de nossa discussão até aqui, foi a de que a adoção de causas modificáveis seria uma pré-condição para a ação inovadora no que tange aos papéis sexuais, entendida aquela ação inovadora como favorável a uma maior igualdade entre os sexos. A explicitação do significado das diversas causas introduzidas no modelo permitiu prever a adoção de algumas delas, principalmente «Sistema», «Ação organizada» e «Educação», que foram consideradas modificáveis preponderantemente no plano social, uma característica inovadora. Em contra partida as causas «Natureza» e «Fatores complexos» foram supostamente consideradas conservadoras. O significado das demais causas

TABELA 23

CORRELAÇÕES DOS ESCORES DA TAXONOMIA CAUSAL COM OS INDICES RG E GI, POR SEXO

Taxonomia Causal	R G		G I	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Homens	- 0,21	- 0,38	0,11	0,21
Próprias mulheres	- 0,14	- 0,26	- 0,15	0,05
Liderança	- 0,29	- 0,25	0,13	0,18
Sistema	- 0,34	- 0,33	0,26	0,30
Educação	- 0,30	- 0,35	0,16	0,18
Ação organizada	- 0,19	- 0,23	0,28	0,25
Fatores complexos	0,14	0,13	- 0,23	- 0,26
Natureza	0,13	0,15	- 0,50	- 0,40

não possibilitou uma previsão segura, pois tenderiam a adquirir nuances diferentes, dependendo do contexto no qual fossem invocadas. De qualquer modo as hipóteses implícitas na proposição do modelo causal utilizado tornam de grande interesse verificar quais as causas que se associaram, na amostra estudada, com as percepções e opiniões expressas pelos sujeitos nos demais instrumentos de medida empregados. A Tabela 23 apresenta as correlações de cada escore causal da taxonomia, com os escores dos índices obtidos nas escalas RG (Real geral) e GI (Ideal geral), para cada sexo.

Como se pode observar as relações entre as várias causas e o índice RG ocorreram no sentido esperado: positivas com «Fatores complexos» e «Natureza», negativas com as demais causas. Confirmando a noção subjacente ao conceito de inovação, portanto, os dados indicaram que, na amostra estudada, a maior consciência das desigualdades entre os sexos associa-se a uma maior crença na possibilidade de mudança da situação. Um exame das correlações mais altas nas duas amostras (masculina e feminina) revela, ainda, que o padrão é semelhante, mas que entre as mulheres todas as atribuições a causas modificáveis possuem uma associação alta com a consciência das desigualdades ( $r/ \geq 0,20$ ), ao passo que, entre os homens as correlações de «Próprias mulheres» e «Ação organizada». Esse dado provavelmente se explicaria em função, não só do maior radicalismo feminino no julgamento da importância das diversas causas, como provavelmente numa maior sensibilidade das mulheres às desigualdades. O conteúdo dessas duas categorias causais que se associam a RG na amostra feminina, mais que na masculina, sugere, ainda, que a causa «Próprias mulheres» não seria necessariamente conservadora. Pode indicar que um espírito mais crítico das mulheres não lhes permite poupar a si mesmas como em parte responsáveis por sua própria situação.

Por outro lado, a maior associação entre «Ação organizada» a RG também sugere que para as mulheres, mais que para os homens, a crítica implicaria também numa ação que possibilitasse senão uma mudança radical pelo menos conquistas parciais de maiores e mais respeitados direitos. E, porque não arriscarmos que «Próprias mulheres» e «Ação organizada», no caso presente, poderiam ser relacionadas? Afinal, o reconhecimento da importância de formas de ação para pressionar instituições e contestar normas pode exigir o reconhecimento da responsabilidade de cada uma na manutenção ou na mudança dessas instituições e normas. Convém lembrar que a associação da causa «Homens» com RG é bem maior na amostra feminina do que na masculina. De qualquer modo é bastante sugestivo que, pelo menos na amostra investigada, são as mulheres, mais que os homens, que julgam importante agir para mudar, por perceberem mais a desigualdade entre sexos.

As correlações entre o índice GI e escores causais corroboram a interpretação acima: considerar a igualdade desejável associa-se positivamente com causas modificáveis e negativamente com «Natureza» e «Fatores complexos». Há contudo, uma exceção que merece destaque: para os homens a causa «Próprias mulheres» tem correlação negativa com o índice GI, isto é, quanto mais inovador um sujeito do sexo masculino, menor a importância atribuída a essa causa. A tendência não é muito pronunciada ( $r < 0,20$ ), mas seu significado é de grande interesse. Conforme já havíamos pressuposto quando comentamos os dados da análise fatorial, parece que é entre os homens, e não entre as mulheres, que a responsabilização da mulher pela sua própria situação adquire conotação conservadora.

Em suma, na amostra em questão, as pessoas que valorizam a «Natureza» definitivamente são con-

tra a igualdade entre os sexos, ao mesmo tempo que revelam certa tendência a perceber menos as desigualdades existentes. O mesmo se dá em relação aos que valorizam «Fatores complexos»; embora em grau menos acentuado no que se refere à posição contrária à igualdade. Os que mais valorizam «Sistema» e «Ação organizada» são também os que mais valorizam a igualdade e mais percebem as desigualdades existentes. Também percebem essas desigualdades os que valorizam «Educação», «Liderança» e «Homens». As correlações de «Próprias mulheres» mostram, uma vez mais, a complexidade dessa categoria: os homens que a valorizam tendem a achar indesejável a igualdade e a perceber menos as desigualdades do que os que valorizam outras causas modificáveis. As mulheres que a valorizam percebem as desigualdades mas não se posicionam claramente contra ou a favor da igualdade.

#### PERCEPÇÃO DE CONTROLE NO NÍVEL PESSOAL

Um dos objetivos da pesquisa era verificar a relação entre as atribuições que são realizadas quando se trata de explicar a posição das mulheres como um grupo e aquelas que são feitas quando se interpretam os eventos que afetam direta e exclusivamente apenas o próprio sujeito.

Essas atribuições, que certamente constituem adoções de representações disponíveis na cultura, acabam por ser de tal forma incorporadas pelos sujeitos que estes passam a utilizá-las na explicação dos mais variados eventos de sua vida pessoal, e assim generalizando-as, tornam-nas cada vez mais estáveis e coerentes, passando a constituir um elemento da própria identidade do sujeito, ou seja, aquilo que os psicólogos costumam chamar de um traço de personalidade. E, como tal, passam a exercer padrões de comportamento, uma vez que as expectativas de controle dos resultados da ação dependem diretamente da medida em que a pessoa atribui o que lhe acontece na vida à sua capacidade, ao seu esforço e aos demais fatores controláveis e predizíveis.

Em estudo anterior, uma das autoras já havia investigado alguns aspectos interessantes a esse respeito (Barroso, 1974). Analisando tanto atribuições relativas a resultados positivos quanto a negativos, em situações de trabalho, de estudo e de relações interpessoais tanto em díades quanto em grandes grupos, verificou-se a generalização das atribuições a todas essas situações de natureza tão diversa. Para dar um exemplo: uma pessoa que acredita na eficácia do seu esforço para conseguir o que deseja na área do trabalho tende a atribuir também ao seu empenho o bom andamento de suas relações familiares.

Além da atribuição ao esforço — que é uma causa interna instável mas predizível pelo sujeito — cinco categorias de causas foram investigadas: causas internas estáveis (capacidade, habilidade, por exemplo), causas externas impessoais (facilidade da tarefa, por exemplo), causas externas pessoais (ajuda de outros, por exemplo) sorte e fatores complexos que a pessoa acha difícil analisar. Uma escala foi desenvolvida, na qual o respondente deveria julgar a importância de cada uma das seis causas na determinação de resultados positivos ou negativos em 24 situações diferentes. Administrada a 528 alunos de cursinhos, essa escala produziu resultados que confirmaram o modelo teórico do qual havia sido derivada: uma análise fatorial de segunda ordem produziu dois fatores principais, que correspondem aos construtos de «controlabilidade» e de «internalidade resultante», este uma crença na importância de forças regulares e predizíveis internas e externas, aquele uma negação da importância relativa da sorte e de fatores difíceis de compreender. Note-se que não são mutuamente exclusivos pois a existência de dois fatores indica que uma pessoa pode acreditar que tanto a capacidade individual como a sorte são igualmente importantes para permitir o alcance de determinado objetivo.

Para o presente estudo, foi feita uma adaptação dessa escala que foi reduzida consideravelmente para que pudesse ser administrada juntamente com os outros instrumentos mencionados acima, dentro de limites de tempo razoáveis. Inclui duas situações de trabalho e duas referentes a relações interpessoais, sendo que, em cada caso, uma tem resultado positivo e a outra, negativo. Para cada situação, foram incluídas seis explicações possíveis: a) capacidade, b) esforço, c) forças externas pessoais, d) forças externas impessoais, e) sorte e f) fatores complexos.

Embora a fidedignidade da escala já tivesse sido estabelecida no estudo original, era necessário verificar se a diminuição de sua extensão e a aplicação a uma amostra sob vários aspectos diferentes da anterior não haviam afetado a consistência interna da medida. Para tanto, foram computados seis escores e estudou-se a homogeneidade de cada um através de uma análise de itens. Os escores computados foram os seguintes: «internalidade positiva» (crença na importância do esforço e da capacidade), «internalidade negativa» (crença na importância da falta de esforço e da falta de capacidade), «externalidade positiva» (crença na importância da facilidade da tarefa e da ajuda dos outros), «externalidade negativa» (crença na importância da dificuldade da tarefa e da falta de colaboração dos outros), «sorte» (crença na sorte ou no azar) e «fatores complexos» (crença na sua importância, quando relacionados a resultados tanto positivos quanto negativos).

TABELA 24  
CORRELAÇÕES ENTRE OS ITENS E OS ESCORES DE CONTROLE PESSOAL\*

Situação e Resultado a que se Refere o Item	Controle Pessoal					
	Internalidade Positiva	Internalidade Negativa	Externalidade Positiva	Externalidade Negativa	Sorte	Fatores Complexos
Trabalho — positivo	47 <sup>a</sup> 45		30 <sup>b</sup> 27		42	35
Trabalho — negativo		47 <sup>a</sup> 47		28 <sup>b</sup> 21	37	53
Rel. pessoais — positivo	39 <sup>a</sup> 42		32 <sup>b</sup> 34		37	44
Rel. pessoais — negativo		35 <sup>a</sup> 41		26 <sup>b</sup> 31	36	45

\* Foram omitidos o zero e a vírgula de todos os coeficientes.  
a: O primeiro coeficiente refere-se a «capacidade», o segundo a «esforço».  
b: O primeiro coeficiente refere-se a externalidade pessoal, o segundo a impessoal.

TABELA 25  
ANÁLISE FATORIAL DOS ESCORES DE CONTROLE PESSOAL\* (n=483)

Controle Pessoal	Fator I	Fator II
Internalidade positiva	0,85	
Internalidade negativa	0,75	
Externalidade positiva	0,50	
Externalidade negativa	0,74	
Sorte		0,83
Fatores complexos		0,61

\* Só são apresentadas as cargas fatoriais maiores que 0,30.

Como cada escore era a soma de quatro itens, a correlação do item com o escore do qual fazia parte seria altamente espúria. Computou-se então, para cada item, sua correlação com a soma dos três outros itens que faziam parte do mesmo escore. Os resultados na Tabela 24 indicam, de um modo geral, alta consistência das escalas, o que também significa que as pessoas apresentam uma tendência a atribuir às mesmas causas resultados diferentes obtidos em diferentes situações.

Além disso, assim como no estudo original, a análise fatorial apresentada na Tabela 25, mostra um agrupamento das causas predizíveis internas e externas, e outro das causas que não apresentam regularidade de predição: sorte e fatores complexos. Esses dois fatores explicam 65% da variância. Esses resultados contrariam as formulações de Rotter (1966) em dois pontos fundamentais: primeiro, porque as causas externas regulares não se contrapõem às internas, pelo contrário formam com elas um fator geral sub-

jacente. Segundo, porque as causas imprevisíveis também não se contrapõem às causas regulares pois formam um fator independente. Isto significa, por exemplo, que as pessoas que atribuem grande importância ao seu próprio esforço, de um lado tendem a atribuir importância também a causas externas regulares e, de outro, podem ou não atribuir igual importância à sorte.

Mas, afinal, quais são as causas consideradas mais importantes pelos sujeitos?

A Tabela 26 mostra que, de um modo geral, a maior importância tende a ser atribuída ao esforço e, em segundo lugar, à capacidade. A única exceção verificada refere-se a resultados positivos no trabalho, em que maior número de sujeitos considerou capacidades mais importante. A tabela também indica que as causas externas pessoais — ou seja, aquelas dirigidas especialmente para o sujeito como, por exemplo, a ajuda ou a falta de cooperação de seus colegas — tendem a ser consideradas ligeiramente mais importantes que as causas impessoais. Nota-se também a tendência a atribuir pouca importância à sorte e aos fatores que o sujeito acha difícil analisar.

Evidentemente, como estamos tratando de itens, algumas dessas diferenças poderiam ser devidas a características específicas das situações ou da formulação dos próprios itens. Porém esse mesmo padrão geral que se observa na tabela foi observado também no estudo de Barroso (1974), quando se analisaram escores compostos a partir dos itens de uma escala bem mais longa.

Uma questão interessante é saber se os sexos diferem quanto ao tipo de atribuição que fazem. Numa resenha de estudos norte-americanos, Frieze (1975) indica que as mulheres — mais que os homens —

TABELA 26

PORCENTAGENS DE SUJEITOS QUE CONSIDERAM «MUITÍSSIMO IMPORTANTE» CADA CAUSA PARA EXPLICAR RESULTADOS POSITIVOS E NEGATIVOS NAS ÁREAS DO TRABALHO E DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Causas	Trabalho		Relações Interpessoais	
	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo
Esforço	27,3	15,4	14,4	19,9
Capacidade	31,6	13,5	11,8	10,8
Ext. impessoal	3,7	7,5	8,1	6,7
Ext. pessoal	8,1	9,1	8,3	12,7
Sorte	5,3	1,6	1,8	3,2
Fatores complexos	3,4	3,2	2,5	5,4

TABELA 27

MÉDIAS E DESVIOS-PADRÃO DOS ESCORES DE CONTROLE PESSOAL, PARA CADA SEXO

Controle Pessoal	Masculino		Feminino	
	$\bar{X}$	$\sigma$	$\bar{X}$	$\sigma$
Internalidade positiva	13,1	3,1	14,2	2,9 *
Internalidade negativa	11,2	3,6	11,8	3,6
Externalidade positiva	9,7	2,8	10,0	2,9
Externalidade negativa	9,8	2,9	11,1	3,0 *
Sorte	7,2	2,5	7,0	2,8
Fatores complexos	7,2	3,0	7,1	3,1

\* Diferença entre os sexos significativa a nível 0,05.

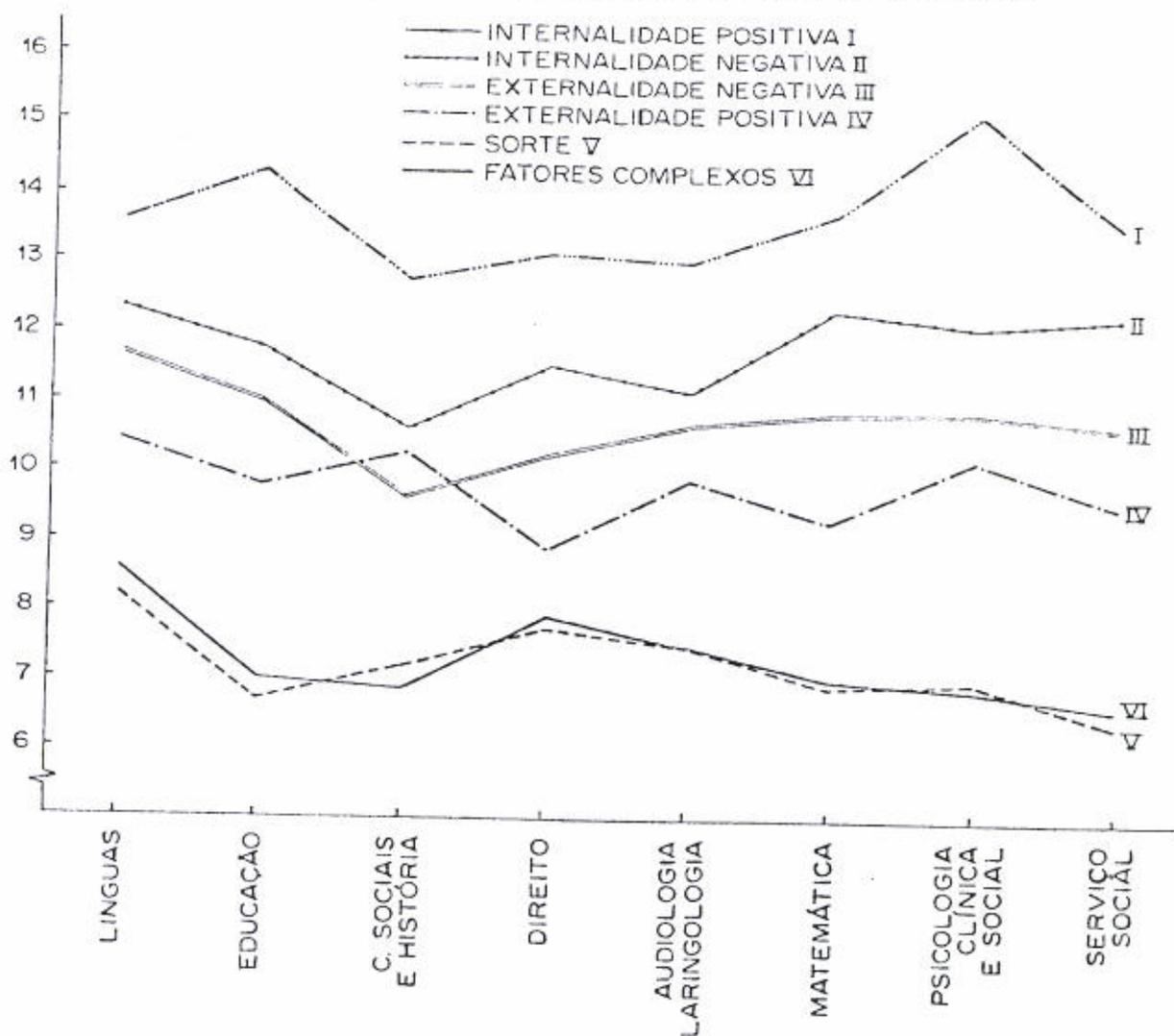
tendem a atribuir tanto sucessos como fracassos à sorte, a atribuir fracassos à sua falta de capacidade e a não atribuir sucessos à sua capacidade. As mulheres de nossa amostra não apresentam esse padrão de atribuição negativo.

Os dados da Tabela 27 mostram apenas duas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos: as mulheres — mais que os homens — tendem a atribuir resultados positivos a causas internas e resultados negativos a causas externas estáveis. Esse sentimento de confiança na própria competência dificilmente pode ser explicado em termos de uma valorização dos papéis femininos na sociedade brasileira. É mais provável que as alunas de pós-graduação constituam um grupo mais selecionado e mais atípico em

relação à população feminina que seus colegas em relação à população masculina. Afirma-se frequentemente que a mulher só consegue atingir posições mais altas se se revelar duplamente capaz em relação aos seus concorrentes de outro sexo.

O Gráfico 11 apresenta as diferenças entre os cursos. O dado mais impressionante do gráfico é que, com exceção de «externalidade positiva» para ciências sociais, a ordem das importâncias para os seis escores é praticamente a mesma para todos os cursos. Há algumas inversões mínimas entre «sorte» e «fatores complexos», mas as médias desses dois escores são tão próximas que essas diferenças podem ser ignoradas. Por sinal, a proximidade constante desses dois escores é o outro dado curioso do gráfico.

GRAFICO 11  
MÉDIAS DOS ESCORES DE PERCEPÇÃO DE CONTROLE, POR CURSO



Na Tabela 28 verificamos pequena interação entre sexo e estado civil, no que se refere à internalidade resultante. Esse escore é a soma de internalidade positiva, internalidade negativa, externalidade positiva e externalidade negativa, ou seja, todas as causas regulares e predizíveis, e que tiveram carga alta no Fator I, conforme vimos na Tabela 25. A diferença entre homens e mulheres é maior entre os casados do que entre os solteiros: os homens casados de nossa amostra são tão intermos quanto os solteiros mas as mulheres casadas são mais internas. Provavelmente não se trata de uma questão de diferença de classe social, pois homens e mulheres casados de nossa amostra possuem renda familiar praticamente igual.

Na Tabela 29 observamos que o nível ocupacional do pai apresenta relação linear com internalidade resultante, entre os homens da amostra. Isto é facilmente explicável pois é natural que valorizem mais as causas predizíveis os filhos de pais que ocupam posições mais altas na hierarquia social onde essas causas operam com maior regularidade e sem grandes restrições. O que talvez seja estranhável é que essa mesma associação não se observa entre as mulheres. Anteriormente, observamos que entre as mulheres não existe a associação positiva entre nível ocupacional do pai trabalho remunerado da mãe, como existe entre os homens. Isto parece indicar que, na amostra, as mulheres de nível social mais baixo sofreram uma

TABELA 28  
MÉDIAS DE «INTERNALIDADE RESULTANTE» E DE «CONTROLABILIDADE»  
POR SEXO E ESTADO CIVIL

Estado Civil	Internalidade Resultante		Controlabilidade		(Número de Casos)	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Solteiro	43,2	46,5	15,2	15,3	45	137
Casado	43,0	47,4	14,3	13,5	125	180
Desquitado	46,1	43,4	16,7	13,0	14	16

TABELA 29  
MÉDIAS E DESVIOS-PADRÃO DE INTERNALIDADE RESULTANTE E DE CONTROLABILIDADE POR  
SEXO E NÍVEL OCUPACIONAL DO PAI:

Nível Ocupacional *	Internalidade Resultante		Controlabilidade		(Número de Casos)	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
1	47,0 (7,7)	46,8 (11,0)	14,0 (4,7)	13,5 (4,7)	30	70
2	44,8 (11,2)	47,5 (8,8)	14,7 (6,1)	14,5 (5,5)	34	86
3	42,6 (9,7)	46,5 (9,5)	15,3 (4,9)	14,3 (5,2)	67	114
4	41,5 (8,3)	46,8 (9,7)	14,4 (4,9)	14,5 (4,9)	38	28

1 Os desvios aparecem entre parênteses.

\* Foram usadas as mesmas categorias utilizadas na Tabela 8.

TABELA 30  
MÉDIAS E DESVIOS-PADRÃO DE INTERNALIDADE RESULTANTE E DE CONTROLABILIDADE POR  
SEXO E OCUPAÇÃO REMUNERADA DA MÃE:

Ocupação da Mãe	Internalidade Resultante		Controlabilidade		(Número de Casos)	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Exerceu	46,5 (9,7)	47,0 (9,0)	13,8 (4,8)	14,1 (4,7)	57	139
Nunca exerceu	42,2 (9,2)	46,8 (10,2)	15,1 (5,2)	14,3 (5,5)	112	159

1 Os desvios aparecem entre parênteses.

influência especial de suas mães que, de certa forma, modificou o seu ambiente familiar, influenciando sua probabilidade de chegar à pós-graduação bem como suas crenças a respeito do controle que possuem sobre sua vida pessoal.

As relações entre internalidade resultante e exercício de ocupação remunerada por parte da mãe refletem as observações acima. E na Tabela 30 observamos igualmente uma média mais alta de controlabilidade para os homens cujas mães nunca exerceram

atividade remunerada. Aqui é preciso lembrar que o escore de controlabilidade reflete a importância atribuída à sorte e a fatores complexos, sua direção indicando portanto que, quanto maior o escore, menor a crença em controlabilidade. Assim, o fato de os homens cujas mães não exerceram atividade remunerada apresentarem mais baixa internalidade e maior crença no poder da sorte pode ser explicado pelo fato desses homens provirem de posições mais baixas na hierarquia social onde a experiência vivida deve ter fornecido amplas oportunidades de desconformação da crença no poder de forças regulares e predizíveis.

A Tabela 31 apresenta resultados que ajudam a esclarecer uma das preocupações centrais desse trabalho: a existência ou não de relação entre internalidade no nível do controle pessoal e a atribuição da solução de um problema social ao exercício da vontade individual, no presente caso, a afirmação de que a mudança da situação das mulheres como um grupo depende primordialmente da iniciativa individual de cada uma. Se, de um ponto de vista, essas duas atribuições são conceitualmente distintas, de outro, poder-se-ia concebê-las como diferentes manifestações de uma mesma ideologia que funciona como mecanismo de legitimação do «statu quo». Afirmando

a separação conceitual, uma das autoras desenvolveu um paradigma formal em que procura demonstrar a compatibilidade de atribuições diferentes a partir dos mesmos princípios explicativos. Simulando as atividades de um sujeito atribuidor que realizasse intuitivamente uma espécie de equação de regressão múltipla para determinar o peso de cada causa na determinação de um resultado qualquer, procurou mostrar a importância atribuída a uma causa numa condição específica vai depender não só do seu peso na equação (que é geral), mas também do seu valor (que varia de condição para condição). Trata-se de um modelo tão abstrato que pode constituir-se, na melhor das hipóteses, em apenas uma aproximação rudimentar das atribuições conforme são realizadas, concretamente. Então, era necessário verificar empiricamente se a internalidade no domínio da vida pessoal era ou não independente da atribuição da condição feminina às próprias mulheres.

A independência confirma-se quando vemos na Tabela 31 que somente as atribuições «irracionais» (sorte, fatores complexos, natureza, reunidos no Fator II) transpõem os limites dos domínios do pessoal e do social. É muito interessante que tanto para homens como para mulheres, as distribuições das cargas fatoriais são praticamente as mesmas, o que aumenta

TABELA 31  
ANALISES FATORIAIS DOS ESCORES DA TAXONOMIA E DE CONTROLE PESSOAL,  
SEGUNDO O SEXO \*

Escore	Sexo Masculino <sup>1</sup>			Sexo Feminino <sup>2</sup>		
	Fator I	Fator II	Fator III	Fator I	Fator II	Fator III
<b>CONTROLE PESSOAL</b>						
Internalidade positiva			61			50
Internalidade negativa			81			64
Externalidade positiva			51			59
Externalidade negativa			65			71
Sorte		43			59	
Fatores complexos		69			74	
<b>TAXONOMIA</b>						
Fatores complexos		63			73	
Natureza		74			54	
Homens	60			75		
Próprias mulheres	40	55		60		
Sistema	60			47		
Educação	76			63		
Liderança	74			67		
Ação organizada	68			54		

\* Só são apresentadas as cargas fatoriais maiores que |0,30| e os zeros e as vírgulas foram omitidos.

1 (n= 171) 58% da Variância.

2 (n= 281) 56% da Variância.

TABELA 32

CORRELAÇÕES DOS ESCORES DE CONTROLE PESSOAL COM OS ESCORES DE PERCEPÇÃO DE DESIGUALDADES (RG) E DE IDEAL DE IGUALDADE (GI) SEGUNDO O SEXO\*

Controle Pessoal	Masculino (N=182)		Feminino (N=309)	
	RG	GI	RG	GI
Internalidade positiva			0,10	0,12
Internalidade negativa			0,12	0,21
Externalidade positiva			0,14	0,10
Externalidade negativa			0,19	0,11
Sorte	-0,21	-0,31		-0,11
Fatores complexos		-0,24	-0,09	-0,24

\* Somente são apresentadas as correlações significativas a nível de 0,05. O sinal das correlações de «percepção de desigualdades» foi invertido.

nossa confiança na sua estabilidade. A única exceção é «próprias mulheres» que, para os homens, tem carga também no Fator II, o que sugere, para eles, um significado mais complexo para este tipo de atribuição.

Não havíamos formulado hipóteses «a priori» a respeito das relações entre percepção de controle pessoal, consciência das desigualdades entre os sexos e adoção de ideais igualitários. Acharmos útil, no entanto, explorar as possíveis relações existentes e os resultados são apresentados na Tabela 32. Podemos notar que, tanto entre os homens como entre as mulheres, a atribuição a causas imprevisíveis, sorte e fatores complexos) tende a estar associada a uma falta de percepção das desigualdades existentes e, mais ainda, à rejeição de ideais igualitários. Coerentemente, vai se formulando o esquema de um tipo de mentalidade que pode ser descrita caricaturalmente como a do «bandido»: alienado, reacionário e, ainda por cima, nega que os eventos cotidianos possam ser explicados por fatores «racional» e previsíveis. Se as correlações obtidas fossem mais altas chegaríamos mesmo a suspeitar que todas essas escalas não estariam medindo mais do que a capacidade de perceber quais as idéias da moda e o interesse em adotá-las. Como as correlações são significativas mas bastante baixas preserva-se tanto a coerência do quadro geral quanto sua complexidade. O mesmo se pode afirmar com relação às correlações com os escores de internalidade e de externalidade. Aqui é necessário ressaltar que o fato de as correlações não terem atingido o nível de significância no grupo masculino pode dever-se simplesmente ao fato de o número de homens na amostra ser menor.

Em suma, dos dados apresentados podemos concluir que a percepção de controle pessoal apresenta um padrão consistente, no sentido de que diferentes resultados em diferentes tipos de situações tendem a

ser atribuídos às mesmas causas; e no sentido de que as pessoas que valorizam certo tipo de causa estável e previsível tendem a valorizar as demais causas estáveis, sejam elas internas ou externas positivas ou negativas. Vimos também que as causas mais valorizadas no nível de vida pessoal são a capacidade e o esforço e que, a esse respeito, as mulheres de nossa amostra não tendem a apresentar o padrão de atribuição negativo observado em pesquisas americanas. As mulheres apresentam maior internalidade resultante que os homens, especialmente as mulheres casadas. Vimos também que alunos de diferentes cursos exibem padrões semelhantes de atribuição, e que os homens de origem social mais baixa tendem a ter menor internalidade resultante e a atribuir maior importância à sorte e a fatores difíceis de analisar.

A análise fatorial revelou a compatibilidade entre atribuições internas no nível pessoal e externas no nível social e as correlações com percepção de desigualdades e ideal de igualdade indicam que as pessoas que acreditam mais fortemente na importância das causas estáveis tendem a ser também as que percebem maiores diferenças entre as situações de homens e mulheres em geral e as que mais apoiam a eliminação dessas desigualdades.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou mostrar a complexidade das percepções, avaliações e atribuições que revelam as diferentes ideologias adotadas para justificar ou questionar, em diversos graus e de várias maneiras, a divisão de papéis sociais entre os sexos. Constituiu-se apenas em uma primeira abordagem de tema cuja investigação mereceria ser continuada, principalmente para determinar suas implicações ao nível da ação dos sujeitos e sua adaptação ou não

às representações adotadas por membros de outras classes, de outros grupos etários, ou mesmo de outros níveis de escolarização formal. Sob este ponto de vista, a presente amostra é extremamente homogênea, embora tenhamos constatado grande heterogeneidade quanto a outros aspectos.

Não cabe aqui repetir as observações feitas a propósito de cada um dos temas tratados, mas apenas retomar algumas tendências mais marcantes que ressaltam da apreciação dos dados.

Embora possa parecer óbvio que a questão da «liberação» das mulheres diz respeito não somente a elas, mas afeta diretamente o padrão geral de relacionamento entre homens e mulheres, nem sempre a necessidade de re-pensar os papéis masculinos aparece com a mesma clareza e a mesma urgência. Assim é possível que, embora em última análise a reformulação dos papéis sexuais atenda a interesses tanto de homens como de mulheres, são estas as que mais se empenham na sua mudança, não por serem as únicas prejudicadas pela rigidez existente atualmente, mas por sentirem mais direta e indisfarçadamente os efeitos da presente situação.

Dessa forma, elas não só aparecem sempre nas posições mais inovadoras em todas as medidas utilizadas neste estudo mas também apresentam maior homogeneidade entre si quando a amostra é dividida em sub-grupos para o controle do efeito de certas variáveis independentes. Assim, por exemplo, quanto os homens de diferentes origens sócio-econômicas, ou de diferentes cursos de pós-graduação apresentam grande variação quanto ao grau de inovação, entre as mulheres isto não se nota. Pode-se dizer, portanto, que o simples fato de ser mulher já determina um alto grau de inovação no aspecto em estudo enquanto outros fatores determinarão, nos homens, sua maior ou menor adesão a posições inovadoras. Se esta constatação pode ser usada como argumento reforçador da idéia da especificidade da condição feminina, deve-se no entanto qualificá-la, restringindo o âmbito de sua aplicação não só em termos da natureza da amostra mas também em função do tema tratado. É provável que, fosse outro o tópico de estudo, maior heterogeneidade seria observada entre as mulheres.

As principais áreas onde a desigualdade é mais percebida são as mesmas nas quais a igualdade é menos aceita. Esta coincidência, por si só, constitui um fato curioso que merece ser melhor investigado. Seria ele o reflexo de imaginações tímidas que não ousam desejar condições muito diferentes das que prevalecem no presente? Ou, pelo contrário, estariam os valores distorcendo de tal forma as percepções, de modo a evitar a dissonância que resulta de grandes discrepâncias entre o real e o ideal? É possível que a influência esteja se exercendo em ambas as dire-

ções, mas seria interessante investigar em que condições se realiza o processo e que variáveis determinam o maior ou menor peso de cada fator.

As áreas nas quais é percebida maior desigualdade, mas nas quais a igualdade é menos aceita, são a sexualidade e o trabalho doméstico, juntamente com o cuidado dos filhos. O trabalho doméstico é um dos trabalhos mais desvalorizados socialmente, e a ele não costuma ser reconhecido qualquer valor econômico. Nas classes médias brasileiras é geralmente entregue a empregadas domésticas que são, dentre as várias categorias ocupacionais, uma das mais mal pagas e menos protegidas pela legislação trabalhista. É provável que este fato torne mais difícil o reconhecimento por parte de nossos sujeitos de que a responsabilidade pela sua execução — quando não socializada — deve ser compartilhada também pelos homens, já que a amostra estudada pertence às camadas da sociedade brasileira que geralmente contam com empregadas domésticas.

O fato de a presença da empregada doméstica camuflar, para os sujeitos, o problema da divisão de tarefas no lar tornou-se evidente em certas respostas onde algumas mulheres chegaram a invocar «falta de empregadas» como uma das razões que dificultaria a obtenção de igualdade entre os sexos... No entanto, parece que a divisão de trabalho dentro da família constitui o cerne do problema da desigualdade entre os sexos; essa é a conclusão a que têm chegado tanto movimentos de liberação feminina quanto cientistas sociais que têm se dedicado ao estudo do problema, como, por exemplo, Rosaldo (1974). Assim, as teorias econômicas que ignoram ou não atribuem nenhum valor econômico ao trabalho doméstico têm sido contestadas e algumas análises têm procurado compreender o seu papel na economia capitalista, tanto sob uma perspectiva marxista (Mitchell, 1966; Benston, 1969; Secombe, 1974) quanto liberal (Galbraith, 1973).

Vários estudos têm procurado calcular o valor monetário do trabalho doméstico, produzindo estimativas sempre altas, embora variadas segundo as bases usadas para o cálculo (Glazer-Malbin, 1976). Sociólogos e antropólogos que têm estudado o orçamento-tempo de homens e mulheres apontam para o enorme número de horas que é dedicado diariamente em cada país, à execução das tarefas domésticas (Szalai, 1975). Mesmo países mais desenvolvidos, onde muitas tarefas podem ser feitas com ajuda de eletrodomésticos e onde produtos alimentícios semiprocessados são comercializados a preços acessíveis, os homens continuam a auxiliar muito pouco suas esposas em casa. Estudo feito recentemente no Canadá revela que a carga do serviço doméstico recai quase toda sobre a mulher, ainda que tenha filhos pequenos e trabalhe fora em tempo integral (Meissner et al., 1975). Se, tanto nos países socialistas como nos capitalistas, a evolução da participação da mulher na

força de trabalho não foi acompanhada de evolução equivalente na divisão de trabalho dentro da família, ou em sua coletivização, é fácil compreender porque é nessa área, tão resistente a mudanças, que os nossos sujeitos encontram maiores dificuldades para aceitar a idéia da igualdade.

A sexualidade é a outra área na qual as idéias inovadoras continuam pouco aceitas. As atitudes dos nossos sujeitos parecem indicar que — em relação às mulheres — nem mesmo pode-se falar em «des-sублиmação repressiva» (Marcuse, 1966). Não se pode observar nem ao nível das verbalizações uma liberação no sentido do reconhecimento de iguais direitos à sexualidade para homens e mulheres. O que, em si mesmo, muito pouco significa pois, se é verdade que a rigidez dos papéis masculinos e femininos é, em geral, prejudicial a ambos os sexos, é na área da sexualidade que seus efeitos são mais evidentes. A repressão e a mistificação que a envolvem atingem homens e mulheres de maneiras diferentes porém igualmente profundas. Seria ilusão, no entanto, considerar a sexualidade isoladamente, pois como afirma a psicanalista Miller (1973, pg. 400): «se as mulheres puderem promover a mudança do contexto no qual o sexo ocorre, talvez possam então liberar o sexo de sua sujeição passada. É duvidoso que o processo reverso possa ocorrer, ou seja, que o sexo liberte as mulheres». Neste sentido, a crítica feminista à psicanálise (Mitchell, 1974) tem gerado uma estimulante controvérsia cujo resultado pode vir a ser uma melhor compreensão da sexualidade humana.

Outra observação que aparece reiteradamente ao longo das diversas análises efetuadas é a de que o trabalho remunerado da mãe parece exercer um papel decisivo sobre as concepções adotadas pelos filhos. Isto vem confirmar dados de estudos realizados anteriormente em diversos contextos, mas é particularmente interessante tendo-se em vista a natureza do trabalho exercido pela maioria das mães dos sujeitos, trabalho pouco qualificado, exercido em condições que, à primeira vista, pouco teriam a contribuir para modificar diretamente a mentalidade da trabalhadora ou, indiretamente, a de seus filhos. Como este parece não ter sido o caso, este dado merece ser levado em consideração quando se discutem as relações entre a liberação da mulher e o trabalho remunerado. Se este é, na maioria das vezes, exercido em condições alienantes e se é insuficiente para, por si só, alterar a situação de inferioridade a que a mulher é relegada, nem por isso deixa de introduzir contradições cujos efeitos refletem-se nas concepções adotadas pelos filhos, conforme indicam os dados.

Em várias análises também observamos que o casamento parece ter implicações opostas para homens e mulheres, ou seja, sob vários aspectos, homens e mulheres solteiros são bastantes semelhantes, enquanto, entre os casados, existem grandes diferenças entre os sexos. Naturalmente, é necessário muita cautela para não generalizar indevidamente resultados obtidos com uma amostra tão especial como esta, mas essa diferenciação associada ao casamento não deixa de ser sugestiva e merece ser investigada para determinar em que condições isto se dá e as implicações que daí decorrem.

Finalmente, é necessário assinalar que o quadro geral teórico apresentado no primeiro Capítulo confirmou-se em suas grandes linhas. Não é necessário repetir as observações já feitas, mas pode-se ressaltar alguns pontos.

Coexistem, na amostra, diferentes modos de interpretar a realidade e os vários aspectos indicadores da propensão à inovação formam padrões de notável coerência interna. Pode-se perceber diferenças quanto ao grau de inovação no domínio específico dos papéis sexuais e diferenças quanto à posição frente à relação entre mudanças de papéis sexuais e transformações da estrutura social. As atribuições no nível pessoal e no nível social revelaram-se relativamente independentes, exceto as atribuições irracionais, que são mais abrangentes. A valorização de ideais igualitários mostrou-se empiricamente independente da consciência das desigualdades, e os homens apareceram como nitidamente menos inovadores apesar de não muito mais inconscientes que as mulheres. Isto parece indicar que o que precisa ser levado em consideração é mesmo a discrepância entre essas duas tendências.

Os dados coletados são muito ricos e talvez não tenham sido explorados suficientemente. Mas as análises realizadas não deixam dúvida de que a interiorização dos papéis sexuais envolve um conjunto de variáveis com interligações complexas. A consideração de qualquer dessas variáveis isoladamente não permitirá a compreensão da propensão à ação inovadora dos papéis de homens e mulheres na nossa sociedade.

É nossa esperança que o resultado de nossos esforços possa contribuir para tornar mais provável que em futuro não muito distante haja alteração realmente substancial nos papéis sexuais e nos fatores sociais que os condicionam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMISTEAD, NIGEL (org.), 1974. *Reconstructing Social Psychology*. Penguin, Middlesex, England.
- ASTIN, HELEN, 1969. *The woman doctorate in America*. Russell Sage Foundation, New York.
- BARROSO, CARMEN L.M., 1974. An analysis of perception of control. Ann Arbor, Michigan: University Microfilms, nº 74-28, 481.
- BARROSO, CARMEN L.M., 1975. Por que tão poucas mulheres exercem atividades científicas? *Ciência e Cultura*, 27(7): 703-710.
- BARROSO, CARMEN L.M. et al., 1976. Atribuição de mudança potencial dos papéis sexuais. Resultados preliminares. Fundação Carlos Chagas.
- BARROSO, CARMEN, L.M., 1977a. A situação da mulher trabalhadora no Brasil. Depoimento apresentado à CPI da Mulher. *Diário do Congresso Nacional*, Maio, 2045-2050.
- BARROSO, CARMEN L.M., 1977b. Atribuições no nível pessoal e no nível social. (dat.)
- BENSTON, MARGARET, 1969. The political economy of women's liberation. *Monthly Review*, 21(4): 13-27.
- BERGER, PETER L. & LUCKMANN, THOMAS, 1967. *The social construction of reality*. Anchor Books, Garden City, N.Y. (tradução: *A construção social da realidade*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1973).
- BLAY, EVA, 1978. Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista. Atica, São Paulo.
- CAMPOS, MARLA M.M. et al., 1976. Inovação de papéis sexuais na vida familiar. Resultados preliminares. Fundação Carlos Chagas (mimeografado).
- FORWARD, JOHN R. & WILLIAMC, JAY R., 1970. Internal-external control and black militancy. *Journal of Social Issues*, 26(1): 75-91.
- FRIEZE, IRENE H., 1975. Women's expectations for and causal attributions of success and failure. In Mednick, M., Tangris, S. e Hoffman L. (org.) *Women and achievement*. Hemisphere, Washington.
- GALBRAITH, JOHN K., 1973. *Economics and the Public Purpose*. Houghton Mafflin, Boston.
- GLAZER-MALBIN, NONA, 1976. Housework Signs, 1(4): 905-922.
- GORE, P. & ROTTER, J.B., 1963. A personality correlate of social action. *Journal of Personality*, 31: 58-63.
- GOUVEIA, APARECIDA J., 1970. *Professoras de amanhã*. Pioneira, São Paulo.
- GURIN, PATRÍCIA; GURIN GERALD; LAO, RASINA C. & BEATTIE, MURIEL, 1969. Internal-external control in the motivational dynamics of Negro Youth. *Journal of Social Issues*, 25(3), 29-53.
- LAO, ROSINA C., 1970. Internal-external control and competent and innovative behavior among negro college students. *Journal of Personality and Social Psychology*, 14: 263-270.
- LEVINSON, HANNA, 1972. Locus of control and other cognitive correlates of involvement in anti-pollution activities. Ann Arbor, Michigan: University Microfilms, nº 72-30, 560.
- MARCOUSE, HERBERT, 1966. Le vieillissement de la psychanalyse. *Partisans*, 32/33: 7-19.
- MEISSNER, MARTIN; HUMPHREYS, ELIZABETH W.; MEIS, SCOTT M.; SCHEN, WILLIAM J., 1975. No exit for wives: sexual division of labour and the cumulation of household demands. *Revue Canadienne de Sociologie et Anthropologie/Canad. Rev. Soc. Anth.*, 12(4) Part 1.
- MERTON, ROBERT K., 1957. *Social theory and social Structure*. The Free Press.
- MILLER, JEAN B. (org.), 1973. *Psychoanalysis and women*. Penguin, Middlesex, England.
- MIRANDA, GLAURA, 1975. A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas em 1970. *Cadernos de Pesquisa*, 15: 21-36.
- MITCHELL, JULIET, 1966. Women: The Longest Revolution. *New Left Review*, 40: 11-37 tradução: Mulheres, a Revolução mais longa. *Revista Civilização Brasileira* 3(14): 5-41, 1967).
- MITCHELL, JULIET, 1974. *Psychoanalysis and feminism*. Vintage Books, New York.
- MOSCOVICI, SERGE, 1970. Preface. In Godelet, Denise; Viet, Jean e Besnard, Philippe. *La psychologie sociale — une discipline en mouvement*. Mouton, Paris.
- MOSCOVICI, SERGE, 1972. Society and theory in Social Psychology. In J. Israel e Tajfel, H. (org.) *The context of Social Psychology*, Academic Press, London.
- MUSOZ, EDUARDO R., 1972. Algunos mecanismos de legitimación del sistemas de clases. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 4: 213-257.
- OLIVEIRA, MARTA K. et al., 1976. Percepções relativas aos papéis sexuais na situação «trabalho» ao nível do fato e do ideal. Resultados preliminares. Fundação Carlos Chagas (mimeografado).
- PASTORE, JOSÉ & PEROSA, GILDA, 1971. *O estudante universitário em São Paulo*. Instituto de Pesquisas Econômicas, São Paulo.
- ROSALDO, MICHELLEZ., 1974. Woman, culture and society: a theoretical overview. In Rosaldo, M.Z. e Lamphere, L. (org.) *Woman, Culture and Society*, Stanford University Press, Stanford, Calif.
- ROTTER, JULIAN B., 1966. Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcements. *Psychological Monographs*, 80(1).
- SANGER, SUSAN & ALKER, HENRY A., 1972. Dimensions of internal-external locus of control and the women's liberation movement. *Journal of Social Issues*, 28(4): 115-129.
- SECOMBE, WALLY, 1974. The housewife and her labour under capitalism. *New Left Review*, (83): 3-24.
- SZALAI, ALEXANDRE, 1975. The situation of women in the light of contemporary time-budget research. United Nations, World Conference of the International Women's Year, Mexico.
- WHITE, JAMES, 1967. Women in the law. *Michigan Law Review*, 65 (Abril): 1051-1122.

## ANEXO 1

### A ESCALA «REAL PESSOAL»

Contendo itens referentes aos mesmos tópicos das escalas do «real geral» e do «ideal», essa escala, ao contrário das demais, não permitiu a construção de índices homogêneos, devido às correlações relativamente baixas entre alguns de seus itens, especialmente os relativos a casamento e filhos. As correlações baixas podem ser explicadas, para dois dos itens, pela ambigüidade de sua redação. Para os demais, parece dever-se à própria complexidade da vida pessoal, que, experimentada diretamente pelo sujeito, não oferece possibilidade de redução a generalizações simplificadoras. Além da dificuldade para a construção de índices, como parte desses itens só se aplicavam

a uma parcela da amostra (os sujeitos casados com filhos), preferimos limitar a análise estatística aos próprios itens ou a sub-índices, relativos a áreas específicas: «igualitarismo da família de origem», «igualitarismo das expectativas dos companheiros atuais» (ambos correspondentes à «socialização»), «igualitarismo nas relações conjugais», «igualitarismo no cuidado dos filhos» (ambos correspondentes à «família atual») e «igualitarismo nas relações de trabalho». A Tabela a seguir apresenta os coeficientes de correlação de Pearson computados entre cada item e a soma dos demais itens que compõem o sub-índice do qual faz parte.

TABELA 60

COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO ENTRE ITENS E RESPECTIVOS INDICES, NO NIVEL DO «REAL PESSOAL», PARA CADA SEXO. (FORAM OMITIDOS ZEROS E VIRGULAS)

ITEM	SEXO	SEXO
	MASCULINO	FEMININO
<b>Índice: Família de origem</b>		
Meus pais costumavam chamar a atenção das crianças lembrando-lhes que algumas maneiras eram apropriadas para menina e outras para meninos. ....	22	35
Meus pais viam a profissão para mulher apenas como algo que pudesse garantir-lhe a subsistência se não casasse ou se fizesse um mau casamento. ....	44	48
Em minha família o comportamento de independência era igualmente estimulado em meninos e meninas. ....	39	51
Minha família considerava o sucesso escolar das meninas tão importante quanto o dos meninos. Meninos e meninas da minha família eram igualmente solicitados para ajudar nas tarefas domésticas. ....	54	50
Na minha família a realização de um bom casamento era considerada mais importante para as meninas do que para os meninos. ....	30	38
Em minha família as meninas sempre tiveram liberdade igual a dos meninos. ....	19	40
Na minha família as meninas receberam o mesmo incentivo que os meninos para fazer curso superior. ....	44	44
	37	51
<b>Índice: Companheiros atuais</b>		
No meu grupo de amizade a fidelidade é mais separada de mim do que de pessoas do outro sexo. ....	21	35
Entre meus conhecidos a mulher solteira tem status inferior ao da casada. ....	-06	40
Sinto desaprovação quando torna iniciativa para resolver problemas em lugares públicos. ....	34	36
Comportamentos que expressam abertamente ternura e afeto são mais aprovado em mim do que em pessoas do outro sexo. ....	26	44
Meus amigos me desaprovavam se eu resolvesse me candidatar a um cargo político. ....	24	35
Falar de negócios é considerado menos natural em mim do que em pessoas do outro sexo. ..	27	42
Entre meus conhecidos há maior preconceito em relação à mulher desquitada que em relação ao homem desquitado. ....	20	62
<b>Índice: Casamento</b>		
O fato de ser casado(a) não me permite dedicar como gostaria ao meu trabalho. ....	06	18
Em meu casamento das as decisões importante são tomadas por mim e por meu cônjuge em conjunto. ....	-27	-20
Meu casamento contribui muito para a minha realização pessoal. ....	35	-11
Entre o meu sucesso profissional e o de meu cônjuge dou mais importância ao meu próprio. ....	-14	00
Eu dedico mais tempo do que meu cônjuge à supervisão e organização das atividades domésticas. ....	04	20
No meu relacionamento sexual a iniciativa costuma partir mais de mim do que de meu cônjuge. ....	-07	03
<b>Índice: filhos</b>		
Minha carreira impede que eu dedique aos meus filhos a atenção que eles necessitam. ....	07	19
Eu dedico mais tempo que meu cônjuge ao cuidado de nossos filhos. ....	26	42
O fato de termos filhos tem interferido mais em minha carreira do que na de meu cônjuge. ....	26	49
No meu círculo de amizades meu sucesso pessoal é avaliado pelo ajustamento de meus filhos e o grau de organização de minha casa. ....	15	42
<b>Índice: Trabalho</b>		
Embora meus colegas reconheçam em mim certa competência, não gostariam de me ver em posição de dirigir seu trabalho. ....	13	44
Quando ingressei no curso superior não tinha a intenção definida de seguir uma profissão. ....	28	26
Meu trabalho contribui muito para minha realização pessoal. ....	13	15
No meu grupo de trabalho a minha realização profissional é considerada menos importante que a dos meus colegas do outro sexo. ....	21	47
A profissão que exerço não é muito valorizada socialmente. ....	14	33
No meu ambiente de trabalho o meu sucesso profissional é menos aceito que o sucesso de meus colegas do outro sexo. ....	32	48
Comecei a trabalhar sem muita preocupação de fazer carreira. ....	28	15
Se eu fosse do outro sexo ganharia maior salário do que o que ganho hoje. ....	32	45
No meu campo profissional eu teria maior dificuldade de ascensão a cargos de direção que as pessoas do outro sexo. ....	19	48